

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE  
CURSO DE HISTÓRIA

Jenifer Carvalho Dal Forno

**ENTRE PÁGINAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES: UMA ANÁLISE DAS  
REPRESENTAÇÕES DAS MEMÓRIAS ANCESTRAIS AFRO - BRASILEIRAS NA  
LITERATURA DE MULHERES NEGRAS.**

Passo Fundo, RS

2024

Jenifer Carvalho Dal Forno

**ENTRE PÁGINAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES: UMA ANÁLISE DAS  
REPRESENTAÇÕES DAS MEMÓRIAS ANCESTRAIS AFRO -  
BRASILEIRAS NA LITERATURA DE MULHERES NEGRAS.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado ao Instituto de Humanidades, Ciência  
e Criatividade da Universidade de Passo Fundo  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado(a) em História.

Orientador: Mateus Fiorentini

Passo Fundo, RS  
2024

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico este trabalho às mulheres extraordinárias da minha vida, verdadeiras batalhadoras, cuja resiliência e força são fontes de inspiração para superar desafios diários e conquistar novos horizontes. Em especial, dedico à minha mãe, uma fonte inesgotável de amor, sabedoria e apoio incondicional, e à minha "vó preta" que cuidou de mim na infância, cuja presença carinhosa e cuidados moldaram os primeiros passos do meu caminho. Também dedico às minhas ancestrais, cujo legado de luta e perseverança me fortaleceu para alcançar este momento. Que este trabalho seja uma homenagem digna do seu legado e uma expressão de gratidão por tudo que me proporcionaram.**

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço sinceramente a todos que estiveram ao meu lado desde o começo até o fim deste percurso, apoiando-me com sua confiança e incentivo. Suas palavras e presença foram fundamentais para que eu pudesse concluir mais esta etapa com sucesso.**

**Obrigado por fazerem parte dessa jornada.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>1. REPRESENTAÇÕES DAS MEMÓRIAS ANCESTRAIS AFRO - BRASILEIRAS NA LITERATURA DE MULHERES NEGRAS: UM OLHAR SOBRE A NARRATIVA AFRO- BRASILEIRA.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Explorando a Narrativa afro-brasileira: Representações Femininas e Identidade ...</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Origens e Significados das Tradições Orais na Construção da Memória Coletiva: Um Enfoque na Contribuição das Autoras Afro-brasileiras.....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 Resistência e Resiliência na Literatura Afro-Brasileira: A Reivindicação de Espaços e Vozes nas Obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães.....</b>	<b>23</b>
<b>2. SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA NAS IDENTIDADES FEMININAS NEGRAS .....</b>	<b>38</b>
<b>2.1 Resistência e Empoderamento nas Narrativas Femininas.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2 Literatura Afrofeminina: Um lugar de memória.....</b>	<b>43</b>
<b>2.3 Memória e Oralidade na Literatura Afrofeminina.....</b>	<b>46</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>FONTE.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

A denominação "literatura negra" e "literatura afro-brasileira" são escolhas ideológicas que buscam dar sentido aos processos de formação de identidade de grupos historicamente excluídos. A "literatura negra" refere-se a obras literárias produzidas por autores negros que exploram experiências, culturas e questões relacionadas à identidade negra, frequentemente abordando temas de racismo, resistência e herança cultural africana. Já a "literatura afro-brasileira" engloba a produção literária de autores negros brasileiros, focalizando as experiências e as particularidades da vida afrodescendente no Brasil, enfatizando a especificidade cultural e histórica do contexto brasileiro. Contudo, a utilização desses termos levanta questionamentos sobre suas implicações e eficácia como operadores teóricos e críticos, conforme discutido por Eduardo de Assis Duarte. Duarte afirma que “a tradição oral desempenhou um papel crucial no desenvolvimento das primeiras manifestações da literatura negra no Brasil, transmitido verbalmente histórias, canções, mitos e rituais africanos entre comunidades afrodescendentes como meio essencial para preservar e transmitir a rica herança cultural desses grupos” (DUARTE, 2010, p. 16).

Jan Vansina evidencia que, para diversos povos africanos, a palavra não se limita apenas a ser um meio de comunicação cotidiana, “mas também um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais” (VANSINA, 1982, p. 157). Vansina enfatiza que a palavra possui um poder misterioso capaz de criar coisas, indicando que a oralidade não é meramente a falta de uma habilidade, mas sim uma atitude diante da realidade. As observações de Vansina encontram eco nas perspectivas do historiador malinês Hampâté Bâ, que também destaca a vital importância da oralidade para os povos africanos. Bâ enfatiza a crença compartilhada por essas comunidades de que “o cérebro dos homens é a primeira biblioteca ou arquivo do mundo” (BÂ, 1981, p. 20).

Segundo Maurice Halbwachs, “um homem para evocar o seu próprio passado, precisa frequentemente recorrer às recordações do outro, na medida que, estando ele inserido em um grupo nacional, a sua memória se constitui, em parte, de acontecimentos vivenciados por outros” (HALBWACHS, 1990, p. 53). Ou seja, carrega consigo uma bagagem de lembranças históricas com as quais se identifica, mas que não lhe pertence. De acordo com Jacques Le Goff, “tornarem-se senhores da memória e do conhecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”, afinal, sem memória histórica os grupos dominados estariam mais suscetíveis à colonização (LE GOFF, 1990, p. 368).

Eric Hobsbawm evidenciou que velhos costumes podem, em vez de desaparecer, adquirir novos elementos e, com isso, se perpetuar sem perder a sua essência (HOBSBAWM, 1984). As culturas negras no Brasil resultam dessa capacidade das tradições de se adequarem aos contextos sociais e políticos distintos. “A memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, parte de processos de integração de cada indivíduo com seu meio” (LARA, 2016, p. 1). No poema “Enegre-essência” (2016), Jocélia Fonseca, combinando presente, passado e futuro, consegue problematizar a negação da história do povo negro e as consequências disso para os indivíduos com traços afrodescendentes. Os versos “Visto-me de amanhã, porque meu ontem fugiu e sei quanto o presente me enegrece” revelam o quanto a busca pelo passado é representativa para as escritoras negras, que, sendo parte da parcela desmemoriada, têm a necessidade de se conceber enquanto sujeitos históricos (FONSECA, 2016, p. 14).

Historiadores e estudiosos convergem ao reconhecer a oralidade não apenas como um meio de comunicação, mas como um repositório essencial de sabedoria, história e identidade cultural. “No que diz respeito a direitos e voz, não é surpreendente que as mulheres historicamente enfrentam desafios para afirmar-se nesse cenário, enquanto os homens tradicionalmente estabeleceram as normas sociais” (RIBEIRO, 2020, p. 45). De acordo com Simone de Beauvoir, “os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições” (BEAUVOIR, 2009, p. 21). Por meio de uma emancipação “profunda, veloz e repleta de múltiplos significados” (CARVALHO, 2006, p. 20), as mulheres desafiam uma série de tabus criados pelo gênero masculino, questionando ideias culturalmente aceitas e reafirmando, assim, uma identidade fundamentada na igualdade.

Quando a mulher ingressou no cenário literário, abriu-se a oportunidade para ela expressar seu ponto de vista e ser ouvida, “promovendo uma reflexão sobre a história silenciada e estabelecendo um espaço de resistência contra as formas simbólicas de representação por meio da criação de novas formas representacionais” (ZINANI, 2013, p. 32). “Narrativas orais, ditados, provérbios e uma variedade de personagens do folclore brasileiro, heranças de diversas culturas africanas que chegaram ao país podem ser interpretados como símbolos de resistência das memórias africanas incorporadas à cultura brasileira em geral, especialmente aquela vivenciada pelo povo” (EVARISTO, 2009, p. 19).

A literatura, como expressão artística, desempenha um papel fundamental na construção e desconstrução de narrativas históricas. No Brasil, a herança afro-brasileira é intrínseca à formação da identidade nacional, e as mulheres negras emergem como agentes

importantes nesse processo. A escolha consciente de focalizar as vozes femininas em nosso estudo oferece uma perspectiva única, enriquecendo a compreensão das complexas intersecções. Autoras como Conceição Evaristo e Geni Guimarães desempenham um papel crucial na correção das distorções históricas e na ampliação do entendimento sobre a cultura afro-brasileira.

As escritoras são fundamentais quando estudamos literatura negra por diversas razões, uma vez que proporcionam uma perspectiva única e autêntica sobre as experiências, lutas e triunfos das mulheres negras, oferecendo uma narrativa que reflete suas realidades frequentemente marginalizadas e negligenciadas. Heloisa Buarque de Hollanda sublinha a importância dessas vozes em "Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto". Na obra, a autora argumenta que “a literatura afro-brasileira e, em particular a escrita de mulheres negras, é um movimento de contranarrativa que ressignifica a história e os imaginários brasileiros” (HOLLANDA, 2019, p. 45). Ao trazer essas vozes para o centro do debate literário do país, as autoras negras desafiam as narrativas tradicionais, oferecendo novas perspectivas que enriquecem o panorama literário e cultural do Brasil.

Geni Mariano Guimarães desponta como uma figura proeminente na cena da literatura afro-brasileira de autoria feminina brasileira. Originária da zona rural do município de São Manuel (SP), onde nasceu em 8 de setembro de 1947, esta escritora floresceu como poetisa e ficcionista. Nos contos "Bairro da Cruz" e "Força Flutuante" (GUIMARÃES, 1981), Geni Mariano Guimarães narra, respectivamente, a decisão de sua família de mudar de ambiente para possibilitar sua formação como professora e sua estreia na carreira docente. Em 1981, ela contribuiu com dois contos para os Cadernos Negros, uma publicação anual organizada pelo grupo Quilombhoje Literatura, fundado em São Paulo por escritores como Luiz Silva (conhecido como Cuti), Mário Jorge Lescano, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Abelardo Rodrigues. Lançada em 1978, em plena ditadura militar, a série surgiu em um momento de intensa efervescência social e cultural no Brasil, marcada por movimentos de trabalhadores e estudantes que impulsionaram novas ideias e expressões artísticas. O Quilombhoje Literatura tem como missão discutir e explorar a experiência afro-brasileira nas artes literárias, incentivando a leitura, disseminando conhecimentos sobre a cultura negra e desenvolvendo estudos nesta área. Para atingir esses objetivos, o grupo promove cursos, seminários e debates junto a instituições interessadas nas obras e produções afro-brasileiras.

Desde sua criação, a série tem alternado entre poesia e contos em suas publicações anuais. Os volumes ímpares são dedicados a poemas, enquanto os pares trazem contos. Até agora, foram lançadas 30 edições, com a colaboração de 81 escritores diferentes. O nome

"Cadernos Negros" foi escolhido para refletir o caráter experimental inicial da publicação, como explicou Cuti em uma palestra na Universidade Federal de Minas Gerais em 2007. Ele mencionou que "Cadernos" representava um espaço de experimentação e criatividade, permitindo que escritores negros expressassem suas vozes de maneira autêntica e inovadora. Márcio Barbosa, outro membro do grupo, sublinhou a importância de mudar o papel dos negros na literatura, dizendo que "o negro estava presente na literatura tradicionalmente como tema e não como agente". Assim, a série surgiu como uma resposta à necessidade de os negros se tornarem protagonistas de suas próprias histórias e narrativas (CUTI, 2007, p. 23; BARBOSA, 2008, p. 45).

As antologias têm se tornado uma referência essencial na produção literária e na resistência cultural negra no Brasil, sendo amplamente estudadas em contextos acadêmicos. Diversas teses e dissertações analisam a relevância e o impacto dessas publicações, e o site do Quilombhoje Literatura disponibiliza muitos desses trabalhos para consulta. Além das antologias, o grupo continua a promover a literatura afro-brasileira por meio de eventos e iniciativas educacionais. Essa coleção representa não apenas um marco literário, mas também um movimento contínuo de afirmação cultural e resistência, contribuindo significativamente para a valorização da cultura negra no Brasil.

A autorreferencialidade, a intersubjetividade, o envolvimento afetivo, o registro confessional, a percepção interior em que o corpo, em vez de ser visto de fora, é expresso a partir de dentro, assim como a referência à realidade doméstica como realidade artística, são elementos característicos de uma escrita essencialmente feminina e dos quais podem-se encontrar abundantes exemplos nos versos de Geni Guimarães (AUGEL, 2011, p. 279).

Em uma entrevista sobre a publicação de alguns de seus poemas na Revista Patrimônio Histórico e Artístico, conduzida pelo Jornal da Cidade (1997, p. 21), Geni Guimarães expressou o motivo pelo qual busca dar voz aos negros "Sempre em meus textos é o negro quem está falando. Não tenho outra intenção poética além de dar voz ao negro. Minhas personagens são negras, porque nós precisamos ser escritos". Essa mesma preocupação é evidente em seus textos voltados para o público infanto-juvenil, nos quais a criança negra é retratada cuidadosamente como um ser humano comum, cheia de questionamentos e imersa no mundo da imaginação, além de saudável, assim como as crianças brancas são normalmente representadas nos livros infanto-juvenis de autores brancos. Partindo da perspectiva de uma narradora feminina e negra, as questões de gênero e etnia não poderiam ser relegadas a um papel secundário. Por isso, nos contos e poemas de Conceição Evaristo e Geni Guimarães, encontramos predominantemente personagens femininas negras e

eus-líricos dotados de uma vitalidade surpreendente, que lhes permite superar muitas vezes as dificuldades enfrentadas pelos afro-descendentes, especialmente as mulheres.

Conceição Evaristo, usa a “escrevivência” um conceito que se refere à escrita da vivência, sem a obrigação de um pacto autobiográfico tradicional (LEJEUNE, 2008, p. 15) para contar histórias inspiradas por sua própria vida e pelas experiências das pessoas ao seu redor. Em obras como "Becos da Memória" (2006) e "Ponciá Vicêncio" (2017), Evaristo constrói narrativas que refletem a diversidade e a complexidade das vivências afro-brasileiras. Traz em suas obras perspectivas singulares, a partir de sua condição de mulher negra, que desafiam essa tendência e abrem espaço para uma narrativa mais autêntica.

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em Belo Horizonte em 1946, confrontou desafios desde sua origem humilde. Mudou-se para o Rio de Janeiro nos anos 70 e participou ativamente nos movimentos negros locais, inclinada pelo contexto histórico de lutas por direitos civis. Seu envolvimento no Movimento Negro organizado a levou a pensar sobre a cultura negra e sua importância política, marcando o início de uma trajetória acadêmica e literária significativa. Aos sete anos, ela foi viver com a irmã mais velha de sua mãe, Maria Filomena da Silva. Essa tia, casada com Antônio João da Silva, conhecido como Tio Totó, havia ficado viúvo de outros dois casamentos e não tinha filhos.

Esses parentes foram retratados no romance "Becos da Memória"(GUIMARÃES, 1999). Tio Totó trabalhava como pedreiro, enquanto a Tia Lia, assim como a mãe da autora, era lavadeira. Desde os oito anos, começou a trabalhar em serviços domésticos, e ao longo dos anos assumiu outras responsabilidades. Junto com sua mãe e tia, Conceição Evaristo também participava da rotina de lavar, recolher e entregar roupas nas casas das patroas. A vida de lavadeira de sua mãe, como a de tantas outras mulheres, é retratada no poema "Vozes-Mulheres ". A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela. (EVARISTO, 2008, p. 27).”

Após concluir o primário em 1958, Conceição Evaristo ganhou seu primeiro prêmio literário ao vencer um concurso de redação com o tema "Por que me orgulho de ser brasileira?" (EVARISTO, 2017, p. 42). Apesar do consenso dos professores sobre a qualidade da redação, houve discordâncias em relação ao prêmio, devido ao comportamento não tão exemplar da jovem escritora na escola. Foi necessário o apoio de Dona Luzia Machado Brandão, professora da biblioteca, para que a menina negra recebesse o prêmio. Após o primário, Conceição Evaristo cursou o ginásio com várias interrupções e, a partir dos dezessete anos, envolveu-se profundamente em discussões sobre a realidade social ao

ingressar no movimento conhecido como JOC (Juventude Operária Católica). Durante a década de 1980, a escritora fez parte do grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo, que promoveu apresentações de textos literários em favelas, presídios e bibliotecas públicas, entre outras atividades. Conceição Evaristo começou a se engajar efetivamente nos movimentos sociais negros a partir da década de 1970, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Segundo a própria escritora, o ano de 1973 foi marcante em sua trajetória.

[...] marca mesmo essa visão pra mim de Movimento Negro como luta coletiva. [A partir] daí é que eu vou descobrir a cultura negra. Aqui no Rio de Janeiro que eu vim conhecer candomblé, porque lá em Minas eu não conhecia, nós somos extremamente católicos. Então aqui no Rio [foi um momento] marcado justamente pelas lutas de libertação das colônias portuguesas, que marcou muito; não só colônias portuguesas, a gente ouvia falar de [William] Seymour, ouvia falar de Patrice Lumumba... Essa afirmação dos valores negros como cultura, como possibilidade política, isso vai ser em 73. (EVARISTO apud MACHADO, 2014, p. 252).

Em 1973, com a ajuda de amigos, mudou-se para o Rio de Janeiro após passar em um concurso para professora primária. Ela havia concluído o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais em 1971, obtendo assim a qualificação necessária para iniciar sua carreira docente. Dois anos após sua chegada ao Rio, em 1975, prestou concurso para o magistério em Niterói, onde lecionou por quase uma década no Supletivo. No mesmo ano, ingressou no curso de Letras na UFRJ, conciliando estudo e trabalho. Também em 1976, conheceu seu futuro marido, Oswaldo Santos de Brito, com quem teve sua única filha, Ainá Evaristo de Brito, que nasceu com uma síndrome genética que afetou seu desenvolvimento psicomotor. O marido faleceu em 30 de dezembro de 1989, em Belo Horizonte, durante as festas de fim de ano, deixando Ainá com nove anos de idade. Em 1993, Conceição Evaristo iniciou o mestrado em Literatura Brasileira na PUC/RJ, onde defendeu sua dissertação em 1996.

Evaristo, mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada, focalizou em suas pesquisas a produção literária afro-brasileira, refletindo sobre questões de identidade e resistência. Como acadêmica de origem afrodescendente, Conceição Evaristo refletia sobre sua presença nesse espaço de disputa de poder. Ela entendia que essa era uma tarefa crucial para a luta política a que estava comprometida em problematizar o conhecimento acadêmico estabelecido pela elite branca e econômica. Estabelecer um contradiscurso nesse ambiente era, e continua sendo, um papel essencial para os estudiosos afro-brasileiros. O saber acadêmico serve como uma fonte de legitimidade para essas novas narrativas da militância política dos pensadores afrodescendentes. A academia não é um lugar

neutro; as pessoas ali inseridas adotam posturas que mantêm o status quo ou que promovem sua superação, e Evaristo tinha plena consciência disso.

Então foi um momento muito importante pra mim, que eu começo a descobrir que o saber, e esse saber que te legitima, para você ser uma difusora do saber... então eu comecei a perceber também que tinha sentido. E como eu começo a perceber isso? Na medida em que eu levanto algumas questões dentro da academia e eu noto que alguns professores se interessam e que alguns falam mesmo: 'Eu nunca pensei sobre isso'. Então quando eu começo a colocar algumas questões dentro da academia, ao mesmo tempo que você cria uma certa rejeição por parte de alguns professores, você encontra também acolhida. (EVARISTO apud MACHADO, 2014, p. 255).

Em 2003, Conceição Evaristo publicou o romance "Ponciá Vicêncio" (EVARISTO, 2017) pela Editora Mazza, arcando com parte dos custos devido ao marginalizado status da literatura afro-brasileira. Com narrativa não linear, o livro foi bem recebido, incluído em vestibulares e alvo de estudos acadêmicos. Em 2006, lançou "Becos da Memória" (EVARISTO, 2006), narrando o drama de uma comunidade favelada, escrito em 1988, mas publicado apenas em 2006. "Ponciá Vicêncio" (EVARISTO, 2007) foi traduzido para o inglês em 2007 e, em 2008, Evaristo divulgou a obra "Poemas de Recordação e Outros Movimentos" (EVARISTO, 2008) pela editora Nandyala, financiado integralmente por ela. Em 2011, publicou "Insubmissas Lágrimas de Mulheres" (EVARISTO, 2011) e, em 2013, "Becos da Memória" (EVARISTO, 2013) ganhou nova edição. Em 2014, lançou "Olhos D'água" (EVARISTO, 2014), finalista do Prêmio Jabuti, e, em 2016, "Histórias de Leves Enganos e Parecenças" (EVARISTO, 2016). A necessidade de custear suas publicações reflete a posição marginal da literatura afro-brasileira. Apesar da crescente valorização, Evaristo ainda enfrenta desafios significativos no campo editorial, refletindo a posição marginalizada da literatura afro-brasileira. Ela teve que arcar pessoalmente com os custos de publicação e continua empenhada em ampliar a visibilidade dessa produção, tanto no Brasil quanto no exterior. Nos últimos anos, sua obra tem sido cada vez mais estudada e traduzida, refletindo seu papel central na cena literária afro-brasileira. Sua poética combina elementos sócio-históricos, culturais e filosóficos, fornecendo uma voz única que confronta a literatura canônica e dá voz aos silenciados e marginalizados.

As narrativas de escritoras como Evaristo e Guimarães não são apenas literárias; elas são atos de resistência e afirmação. Ao contar suas próprias histórias, essas autoras reivindicam seu espaço no discurso cultural e literário. Elas desafiam estereótipos e padrões eurocêntricos, enriquecendo a literatura brasileira com novas vozes, temáticas e estilos narrativos. Além de Heloisa Buarque de Hollanda, que observa que "a presença de escritoras negras na literatura brasileira contemporânea é um ato de resistência e afirmação"

(BUARQUE DE HOLLANDA, 2007, p. 123), outras críticas e teóricas literárias reforçam a importância dessas autoras. Regina Dalcastagnè, em "Literatura Contemporânea: Um Território Contestado", observa que "a inclusão de vozes marginalizadas, como as das escritoras negras, é crucial para a completa compreensão da diversidade cultural e social do Brasil" (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 35). As obras dessas escritoras não só ampliam o cânone literário, mas também provocam uma reflexão profunda sobre a identidade nacional e as relações de poder. Essas escritoras estão no centro da luta por representatividade e igualdade.

Diante disso, a pesquisa proposta é impulsionada pela compreensão da relevância da memória e da oralidade na construção das narrativas afro-brasileiras, especialmente aquelas apresentadas nas obras das autoras Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Ao explorar as memórias ancestrais e as tradições orais, essas autoras não apenas oferecem uma perspectiva rica sobre a cultura e os desafios enfrentados pelas comunidades negras no Brasil, mas também desafiam o silenciamento histórico das histórias contadas por mulheres negras. É através da memória e da oralidade que Evaristo e Guimarães reivindicam seu espaço no discurso cultural e literário, resistindo aos estereótipos e padrões eurocêntricos. Como observado por Regina Dalcastagnè em "Literatura Contemporânea: Um Território Contestado" (2012), "a inclusão de vozes marginalizadas, como as das escritoras negras, é crucial para a completa compreensão da diversidade cultural e social do Brasil" (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 78).

O estudo das obras selecionadas, "A Cor da Ternura" (1998), "Leite do Peito" (2001), "Becos da Memória" (2006) e "Ponciá Vicêncio" (2017), permitirá uma análise aprofundada de como essas autoras utilizam elementos da tradição oral e da memória para construir suas narrativas. Por meio da *escrevivência*, elas dão voz às experiências vividas e enfrentam o silenciamento histórico imposto às identidades femininas negras. A "escrevivência", conceito criado por Conceição Evaristo, reflete a escrita que se conecta profundamente com a vivência e a experiência de vida do escritor, enfatizando a autenticidade e a proximidade com a realidade vivida, especialmente das mulheres negras. Portanto, este estudo busca não apenas ampliar o panorama literário brasileiro, mas também instigar uma reflexão profunda sobre a identidade nacional e as relações de poder, destacando a resistência e a resiliência das mulheres negras na literatura e na sociedade como um todo.

A razão para este estudo reside na necessidade de explorar as vozes femininas nesse segmento literário, considerando que as mulheres historicamente enfrentam desafios para se afirmarem no cenário literário, conforme destacado por (DUARTE, 2003). Esta pesquisa é vital, pois oferece uma contribuição significativa para o entendimento das narrativas

afro-brasileiras, especialmente quando filtradas pelas experiências únicas das mulheres negras. Ao mergulhar nas páginas das obras selecionadas, pretendemos desvendar camadas mais profundas das memórias culturais afrodescendentes e questionar as representações estigmatizadas que moldam as identidades femininas no Brasil. Ao fazer isso, esperamos contribuir para uma apreciação mais completa e colorida da literatura afro-brasileira, ampliando o diálogo sobre a diversidade de vozes presentes nesse rico panorama literário.

A análise será estruturada em dois capítulos principais. O primeiro, intitulado "Representações das Memórias Ancestrais Afro-Brasileiras na Literatura de Mulheres Negras", investiga como Conceição Evaristo e Geni Guimarães representam e incorporam as memórias ancestrais afro-brasileiras em suas obras literárias. Este capítulo explora temas de cultura, identidade e resistência, examinando como esses elementos contribuem para uma compreensão mais profunda da experiência negra no Brasil. Será analisado o papel crucial da tradição oral na preservação e transmissão da memória coletiva das comunidades negras. Além disso, será discutida a forma como essas narrativas são construídas a partir de uma rica base cultural, enraizada em histórias e tradições transmitidas oralmente ao longo das gerações. Através de suas obras, Evaristo e Guimarães não apenas preservam essas tradições, mas também criam novas formas de resistência cultural e social, reivindicando espaço e voz em suas narrativas.

O segundo capítulo, "Silenciamento e Resistência nas Identidades Femininas Negras", aborda o tema do silenciamento histórico das vozes femininas negras na literatura e como as autoras enfrentam esses desafios em suas obras. Este capítulo discutirá as estratégias de resistência e empoderamento presentes nas narrativas de Evaristo e Guimarães, destacando a importância da representatividade e visibilidade das mulheres negras na sociedade. As obras de ambas autoras são exemplos poderosos de como a literatura pode servir como um meio de resistência contra as narrativas dominantes que frequentemente marginalizam ou silenciam as experiências negras. A análise buscará evidenciar como a literatura afrofeminina se torna um espaço de memória e resistência, onde as histórias e experiências das mulheres negras são valorizadas e preservadas.

Assim, os objetivos desta pesquisa consistem em explorar a maneira como as autoras Conceição Evaristo e Geni Guimarães utilizam a memória e a oralidade em suas obras para representar a experiência afro-brasileira. Dessa forma, analisar como elas desafiam o silenciamento histórico das vozes femininas negras e investigar como suas narrativas contribuem para a resistência e o empoderamento das mulheres negras na literatura e na sociedade brasileira. Espera-se que, ao examinar essas dimensões, o estudo contribua para

uma melhor compreensão da diversidade cultural e da riqueza das narrativas afro-brasileiras, ampliando a apreciação crítica da literatura brasileira contemporânea.

A metodologia desta pesquisa baseia-se em uma análise bibliográfica das obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Através da leitura e interpretação crítica dos textos selecionados, serão realizados recortes específicos que ilustram como as autoras utilizam elementos da tradição oral e da memória em suas narrativas. Este enfoque permitirá uma compreensão detalhada de como essas escritoras constroem suas histórias e desafiam as representações tradicionais da identidade negra feminina. Além disso, a análise bibliográfica permitirá contextualizar suas obras dentro do panorama mais amplo da literatura afro-brasileira, destacando sua contribuição para a valorização e preservação da memória cultural e histórica das comunidades negras no Brasil.

# **1. REPRESENTAÇÕES DAS MEMÓRIAS ANCESTRAIS AFRO - BRASILEIRAS NA LITERATURA DE MULHERES NEGRAS: UM OLHAR SOBRE A NARRATIVA AFRO- BRASILEIRA**

## **1.1 Explorando a Narrativa afro-brasileira: Representações Femininas e Identidade**

A literatura afro-brasileira é definida pela escrita de autores que se identificam como afrodescendentes, explorando temas, pontos de vista e linguagens afro-brasileiras. Duarte (2010) aponta cinco elementos distintivos dessa literatura: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público-alvo. Ela é caracterizada por uma voz autoral afrodescendente e por construções linguísticas que refletem a afro-brasilidade. O reconhecimento da literatura afro-brasileira é vital para desafiar narrativas que perpetuam o preconceito e a exclusão. Conceição Evaristo salienta que “a literatura negra não se define apenas pela etnia do autor, mas pela experiência única de ser um escritor negro em uma sociedade dominada por valores brancos” (EVARISTO, 2017, p. 56). A produção contemporânea de literatura afro-brasileira amplia a representação das identidades e culturas negras, contribuindo para uma compreensão mais completa da diversidade literária brasileira.

A ênfase nas representações de mulheres negras decorre da compreensão das influências sociais e históricas na formação dessas representações. A identidade feminina é uma construção social complexa, influenciada por fatores biológicos, psicológicos e sociológicos. Simone de Beauvoir argumenta que “a identidade feminina não é inata, mas adquirida ao longo da vida”, destacando a importância das influências culturais e sociais na formação da identidade das mulheres (DE BEAUVOIR, 1980, p. 301). O século XX representou um marco na história das mulheres, especialmente com a revolução sexual dos anos sessenta marcada, entre outros fenômenos, pelo advento da pílula anticoncepcional. Essa inovação conferiu às mulheres o controle sobre a concepção, possibilitando a prática sexual com o objetivo primordial de buscar o prazer. Além disso, nesse século, no Brasil, foram estabelecidos alguns direitos políticos para as mulheres, garantindo-lhes, entre outros, o direito ao voto tanto como eleitoras quanto candidatas. Apesar dessas transformações sociais radicais no papel das mulheres, ainda há debates significativos em torno do feminino, não apenas no âmbito sexual, mas também em relação ao casamento, ao amor, à maternidade e ao trabalho.

Nessa situação, as manifestações culturais em grande escala – televisão, periódicos, cinema, histórias em quadrinhos – são uma fonte para a difusão de ideologias que sustentam discursos hegemônicos, pois se apropriam e difundem os valores e conceitos presentes na

sociedade, garantindo sua continuidade na memória coletiva (HALBWACHS, 2004). As obras literárias escritas por homens frequentemente retratam a submissão e a inferioridade da mulher, utilizando personagens femininas idealizadas, frágeis e passivas, muitas vezes relegadas a papéis secundários nas narrativas. Não estamos sugerindo que os textos literários sejam simples reproduções de realidades históricas, mas sim que esses discursos impregnam as tramas das obras ficcionais, influenciando a forma como são compreendidas.

Portanto, a emergência da escrita contemporânea com maior presença de autoras mulheres é de extrema importância, pois promove a participação e o protagonismo feminino nas narrativas atuais. Nesse contexto, as escritoras afrodescendentes são fundamentais quando estudamos literatura negra por inúmeras razões. Em primeiro lugar, elas proporcionam uma perspectiva única e autêntica sobre as experiências, lutas e triunfos das mulheres negras, oferecendo uma narrativa que reflete suas realidades muitas vezes marginalizadas e negligenciadas. Essas autoras, ao resgatar e fortalecer o lugar de expressão da mulher afrodescendente na literatura, desafiam estereótipos e padrões eurocêntricos. Regina Dalcastagnè argumenta que "a inclusão de vozes marginalizadas, como as das escritoras afrodescendentes, é crucial para a completa compreensão da diversidade cultural e social do Brasil" (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 78). Suas obras trazem novas vozes, temáticas e estilos narrativos que ampliam e enriquecem o cânone literário brasileiro.

Luiza Bairros afirma que "as mulheres negras, ao contarem suas próprias histórias, estão reivindicando seu lugar no mundo e no discurso cultural" (BAIRROS, 2000, p. 37). Suas narrativas desafiam as noções tradicionais de identidade e poder, promovendo uma sociedade mais inclusiva e justa. Leda Maria Martins complementa essa visão, destacando em "Afrografias da Memória" que "as narrativas de mulheres negras desempenham um papel vital na preservação da memória e da identidade afrodescendente" (MARTINS, 1997, p. 52). Sueli Carneiro reforça essa importância em "Enegrecer o Feminismo", argumentando que "a visibilidade e a voz das mulheres negras são fundamentais para a construção de uma narrativa histórica e cultural que inclua todos os segmentos da sociedade" (CARNEIRO, 2011, p. 124). Essas escritoras estão no centro da luta contra o racismo e o sexismo, utilizando suas vozes para reconfigurar as estruturas de poder.

Djamila Ribeiro, em seu livro "O que é Lugar de Fala?", sublinha que "as experiências e as vozes das mulheres negras são cruciais para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e plural" (RIBEIRO, 2017, p. 45). Suas obras contribuem significativamente para a valorização, celebração e preservação das histórias e vivências das mulheres negras para as gerações futuras. As contribuições de autoras como Maria Firmina

dos Reis, Conceição Evaristo, e tantas outras são essenciais para a compreensão da literatura brasileira. Elas não só ampliam e enriquecem o corpus literário, mas também oferecem uma visão mais completa e justa da realidade brasileira. Suas narrativas não apenas desafiam estereótipos, mas também celebram a riqueza e diversidade da cultura afro-brasileira, assegurando que suas histórias sejam valorizadas e preservadas para as futuras gerações.

Desde o século XIX até os dias atuais, o lugar de expressão da mulher negra e suas representações na literatura, tanto na prosa quanto na poesia, têm sido resgatados e fortalecidos por escritoras negras proeminentes. Dentre elas, destacam-se figuras como Maria Firmina dos Reis, pioneira da literatura afro-brasileira com o romance "Úrsula"; Miriam Alves, conhecida por suas obras que exploram a identidade e a experiência da mulher negra; Esmeralda Ribeiro, cujas obras, como "Malungos e Milongas", exploram as experiências afro-brasileiras; Erica Peçanha, que contribui para a literatura contemporânea com uma perspectiva crítica sobre questões sociais; Elisa Lucinda, poetisa reconhecida por suas performances de poesia falada; Cidinha da Silva, que aborda questões de racismo, identidade e gênero em suas crônicas e ensaios; Ana Paula Maia, autora de romances realistas que exploram temas de marginalidade e violência urbana.

Ana Maria Gonçalves, em seu romance histórico "Um defeito de cor", aborda de forma contundente os temas do racismo e da escravidão, oferecendo uma narrativa rica e detalhada da história brasileira (GONÇALVES, 2006). Alzira Rufino, uma incansável ativista pelos direitos das mulheres negras e fundadora da Casa de Cultura da Mulher Negra em Santos, tem sido uma figura central na luta por igualdade e justiça social (RUFINO, 1995). Carolina Maria de Jesus, com sua obra seminal "Quarto de despejo: diário de uma favelada", fornece um testemunho visceral das dificuldades e da resiliência dos pobres urbanos (JESUS, 1960). Cristiane Sobral, em seus escritos, explora com profundidade a identidade e a resistência das mulheres negras, desafiando as narrativas dominantes (SOBRAL, 2011). Livia Natália, através de sua poesia potente, aborda questões cruciais de negritude, gênero e violência, oferecendo uma voz lírica e insurgente (NATALIA, 2014). Geni Guimarães e Conceição Evaristo destacam-se como vozes essenciais na literatura brasileira contemporânea, cujas narrativas refletem com profundidade a experiência e a resistência das mulheres negras (GUIMARÃES, 1997; EVARISTO, 2003).

## **1.2 Origens e Significados das Tradições Orais na Construção da Memória Coletiva: Um Enfoque na Contribuição das Autoras Afro-brasileiras.**

Desde os tempos coloniais, a sociedade brasileira tem promovido a supremacia masculina branca, que se reflete em várias esferas, como as atividades produtivas, culturais, familiares e domésticas. Esse contexto estabeleceu uma consciência patriarcal e machista, sustentada por padrões de masculinidade reforçados por mitos, expressões artísticas, mídia e literatura (AGUIAR, 2000). Nas últimas décadas, a crescente participação feminina em diversos círculos sociais e econômicos começou a desafiar e moldar a identidade masculina, embora o discurso patriarcal ainda persista, influenciando a seleção de símbolos culturais.

Na literatura brasileira, a representação da mulher historicamente reflete essa condição de fragilidade e inferioridade imposta. Contudo, a escrita contemporânea de autoras femininas tem desempenhado um papel crucial na promoção da participação e do protagonismo das mulheres nas narrativas atuais. Como observa Heloísa Buarque de Hollanda, “o surgimento da imprensa e dos movimentos sociais femininos no século XIX foi crucial para a participação feminina na autoria literária” (HOLLANDA, 2004, p. 78). Este avanço na visibilidade e na voz das mulheres na literatura é essencial para desafiar e transformar a representação tradicionalmente limitada e subordinada da mulher nas obras brasileiras.

Desde o século XIX até os dias atuais, autoras afro-brasileiras têm resgatado e reafirmado a voz e as representações femininas em suas obras, refletindo as experiências das comunidades negras no Brasil. A valorização da memória afro-brasileira está ligada à análise da produção literária dessas autoras, que resgatam tradições e histórias marginalizadas. A memória, conforme debatido por José D'Assunção Barros em seu livro "Os conceitos, Seus usos nas Ciências Humanas" (2010), "é um componente crucial para a formação de comunidades e suas identidades" (BARROS, 2010, p. 112). A memória é dinâmica e socialmente construída, um processo ativo relevante para a compreensão histórica. Afonso Carlos Marques dos Santos e Maurice Halbwachs desafiam a visão estática da memória, destacando sua complexidade e papel ativo na história coletiva e individual.

Jacques Le Goff, em sua obra "História e Memória" (1988), explora a relação entre a memória e a historiografia, destacando que "a História parece derivar da memória, conforme Heródoto, cujo principal propósito era evitar o esquecimento das 'grandes façanhas dos gregos e dos bárbaros'" (LE GOFF, 1988, p. 124). Le Goff, um dos principais historiadores da Escola dos Annales, argumenta que a memória é um componente essencial na construção da história. Na década de 1970, a Nova História, representando a terceira geração da Escola dos Annales, começou a explorar a memória com influências significativas da Antropologia e da Psicanálise. Essa abordagem foi fortemente influenciada por Sigmund Freud, que em sua obra "Além do Princípio do Prazer" (1924), propôs que "lembramos de forma parcial e seletiva"

(FREUD, 1924, p. 13). A partir dessas influências, a historiografia passou a considerar a memória como um campo importante de pesquisa, focando principalmente na História Oral e na Memória Coletiva, que Maurice Halbwachs discute em seu livro "A Memória Coletiva" (1950), onde afirma que "não existe memória puramente individual, pois todas as memórias estão ligadas a grupos e influenciadas pela sociedade" (HALBWACHS, 1950, p. 67).

Marcos Antônio da Silva, em "História e Memória na Construção da Identidade" (2009), observa que "a memória recupera o que está submerso e a História trabalha com o que a sociedade traz a público" (SILVA, 2009, p. 53). Essa interação dinâmica entre memória e história é central para entender como comunidades e sociedades constroem suas narrativas coletivas. No uso cotidiano, a memória é frequentemente vista como "um processo parcial e limitado, estático e impreciso" (SANTOS, 2001, p. 234). Em "História e Memória: Teoria e Prática" (2001), Afonso Carlos Marques dos Santos critica a visão de José Honório Rodrigues em "Teoria da História do Brasil" (1987), que considera a memória como "um depósito estático de dados", em contraste com a história, que seria "dinâmica e crítica" (RODRIGUES, 1987, p. 59). Pierre Nora, em "Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares" (1989), vê a memória como "uma entidade viva e evolutiva, suscetível a manipulações e revitalizações" (NORA, 1989, p. 8).

A relevância da História Oral em livros escritos por mulheres negras é crucial para a valorização e preservação de suas vivências e narrativas. Essas autoras trazem à tona histórias muitas vezes marginalizadas, preenchendo "lacunas deixadas pela historiografia tradicional" (RIBEIRO, 2019, p. 102). Em "Lugar de Fala" (2019), Djamilia Ribeiro enfatiza a importância de dar voz às narrativas subalternas. Ao utilizar a História Oral, essas mulheres não apenas recuperam memórias individuais e coletivas, mas também desafiam as narrativas dominantes, oferecendo "novas perspectivas sobre a experiência negra" (NOGUEIRA, 2020, p. 45). Beatriz Nogueira, em "A Voz das Mulheres Negras na História Oral" (2020), argumenta que os relatos orais se tornam "ferramentas poderosas de resistência e empoderamento, transformando a memória coletiva e enriquecendo a compreensão histórica" (NOGUEIRA, 2020, p. 90). Marina Souza, em "Resistência e Memória: Narrativas Oraís de Mulheres Negras" (2018), observa que, através dessa abordagem, as mulheres negras não apenas preservam suas tradições culturais e familiares, mas também reivindicam seu espaço na construção do conhecimento histórico, proporcionando "uma visão mais inclusiva e diversificada da sociedade" (SOUZA, 2018, p. 156).

Neste sentido, percebemos que a narrativa oral na África não é apenas uma simples contação de histórias ou mero entretenimento, mas sim uma atividade essencial e vital na

cultura desses povos. Através dela, eles compõem e recompõem sua História e, conseqüentemente, suas identidades. Para demonstrar a importância dessas narrativas, citamos Lourenço Joaquim da Costa Rosário em seu livro *A narrativa africana de expressão oral* (1989).

Nas narrativas, encontram-se vinculadas às regras e interdições que determinam o bom funcionamento da comunidade e previnem transgressões. Elas funcionam igualmente como um dos principais veículos de transmissão de conhecimento, mantendo a ligação entre as gerações de uma mesma comunidade (ROSÁRIO, 1989, p. 47).

A tarefa de narrar essas histórias recai sobre os anciãos de cada comunidade. Conhecidos como guardiões da memória coletiva, esses "homens-memória" são responsáveis por transmitir a História em sociedades sem escrita, como afirmou Le Goff (LE GOFF, 1992, p. 425), ou em sociedades onde a palavra escrita não é o principal meio de preservação e difusão da História e do conhecimento, como é o caso das africanas. Os mais velhos desempenham um papel crucial como guardiões da memória coletiva afro-brasileira, como destacado por Le Goff em sua obra *"História e Memória"* (1992), ao preservar e transmitir a história, tradições e experiências através da tradição oral. Essa preservação torna-se essencial devido ao apagamento deliberado da memória afro-brasileira durante a época da escravidão, como mencionado anteriormente. A tradição oral é um meio vital de resgate dessa memória, conforme observado por Le Goff, onde os mais velhos, ou "homens-memória", desempenham um papel fundamental em transmitir as memórias do povo e da comunidade para as gerações mais jovens através da narração de histórias (LE GOFF, 1992, p. 425). Além disso, a idade avançada e a sabedoria são características essenciais de um narrador de memórias, como enfatizado por Gizêlda Melo do Nascimento: "pois um narrador de memórias precisa ter experiência de vida para compartilhar" (NASCIMENTO, 2006, p. 52). "A arte de narrar histórias", como descrito por Walter Benjamin, "é fundamental para preservar a história em uma cultura oral, já que não está registrada nos livros" (BENJAMIN, 1987, p. 87).

Essas práticas de contar histórias foram trazidas da África e difundiram-se no Brasil, especialmente entre as mães de santo, como mencionado. "A narrativa dos griots não é apenas informativa, mas também resistente, como ressaltado" por Michael Pollak, "pois busca apresentar o outro lado da história e educar as novas gerações sobre sua verdadeira identidade" (POLLAK, 1989, p. 204). Em resumo, os griots desempenham um papel vital na preservação e transmissão da memória afro-brasileira, ao mesmo tempo que resistem ao discurso dominante e ajudam a construir identidades fortes e resilientes. Eles passam aos mais

jovens a memória e os saberes de um povo, de uma comunidade, para que estes não se percam no tempo.

Com efeito, nas narrativas de costumes, o narrador atua como porta-voz de um conjunto de valores que a coletividade deseja transmitir à posteridade, visando preservar os valores essenciais para a sobrevivência e identidade (p. 319-320). Os valores transmitidos às gerações posteriores não podem sofrer transgressões, pois isso colocaria em risco a coesão e a sobrevivência histórica do próprio grupo (ROSÁRIO, 1989, p. 47).

Nas sociedades africanas, onde a oralidade é predominante, a função dos anciãos de lembrar é altamente valorizada. Os idosos se dedicam a registrar histórias e costumes por meio de conversas com outros anciãos, organizando com sabedoria as memórias do passado. Eles questionam, investigam e selecionam o que é importante ser preservado e lembrado, pois sua missão é transmitir esse conhecimento aos jovens, perpetuando assim a cultura de seu povo. Ao ouvir suas narrativas, não nos preocupamos em distinguir entre verdade e mentira, nem em avaliar sua capacidade de recordar fielmente os fatos. Seus lapsos de memória são menos significativos do que as omissões presentes nos registros da história oficial. Nosso interesse reside em compreender o que foi lembrado e no processo de escolha dos fatos a serem contados e perpetuados, acreditando que o que é lembrado e preservado tem significado.

Os griots desempenham um papel vital na preservação da história e cultura oral das sociedades africanas, atuando como guardiões das tradições e narrativas ancestrais. Eles são mais do que simples contadores de histórias; são historiadores, poetas, músicos e conselheiros, cuja responsabilidade é transmitir o conhecimento de geração em geração. Segundo Boubacar Boris Diop, em "Murambi, o Livro das Ossadas" (2000), os griots são descritos como "arquivos vivos da memória coletiva" (Diop, 2000, p. 45). Eles mantêm vivas as tradições e identidades culturais de suas comunidades, desempenhando um papel crucial na coesão social e na formação de uma identidade coletiva. Essa função é essencial para a preservação das histórias não documentadas, garantindo que os legados culturais não sejam esquecidos ou distorcidos ao longo do tempo.

O antropólogo Amadou Hampâté Bâ, em seu célebre discurso na UNESCO, destacou a importância dos griots ao afirmar que "na África, quando um ancião morre, é uma biblioteca que queima" (Bâ, 1960, p. 13). Essa metáfora poderosa sublinha o papel indispensável dos griots como repositórios de conhecimento e sabedoria, cujas histórias e ensinamentos são cruciais para a continuidade cultural e histórica das comunidades africanas. Walter J. Ong, em "Oralidade e Alfabetização: A Tecnologização da Palavra" (1982), explora a diferença entre

culturas orais e letradas, destacando como os griots operam dentro de uma tradição oral que valoriza a memorização e a performance como modos de transmissão de conhecimento (Ong, 1982, p. 74). A oralidade, nas palavras de Ong, cria um ambiente onde o conhecimento é compartilhado e vivenciado de forma comunitária, contrastando com a individualidade promovida pela cultura escrita.

Além disso, Jan Vansina, em "Tradição Oral como História" (1985), argumenta que as tradições orais, como aquelas preservadas pelos griots, são fontes legítimas e valiosas de história (Vansina, 1985, p. 19). Ele desafia a noção eurocêntrica de que apenas registros escritos podem ser considerados históricos, demonstrando como as sociedades africanas desenvolveram métodos sofisticados para garantir a precisão e a integridade de suas narrativas orais.

Os griots são fundamentais para a preservação e transmissão das culturas africanas. Através de suas histórias, músicas e conselhos, eles mantêm vivas as tradições e fortalecem a identidade coletiva de suas comunidades. Reconhecer e valorizar o papel dos griots é essencial para uma compreensão mais completa e inclusiva da história e da cultura africana. Gilberto Freyre, em "Casa-grande e senzala" (1933), destacou a "influência significativa que a presença da idosa africana teve na cultura e na língua portuguesa." Ele enfatiza que essas mulheres desempenharam um papel crucial no processo de reelaboração da memória e recomposição da identidade de seu povo durante a diáspora, estabelecendo conexões entre a casa-grande e a senzala.

As heranças culturais trazidas pelos negros para nossa sociedade são vastas e profundamente enraizadas, especialmente através de suas tradições orais. A narrativa oral desempenha um papel fundamental na preservação da história e identidade das comunidades afrodescendentes. Através dos griots, anciãos responsáveis por manter e transmitir o conhecimento e as histórias de seus povos, a memória coletiva é perpetuada, garantindo que os valores e costumes sejam passados de geração em geração. Além das narrativas orais, outras manifestações culturais, como o candomblé, a capoeira, o jongo e a culinária, também carregam a riqueza da tradição africana. Cada uma dessas práticas não só sobreviveu às tentativas de erradicação cultural durante a escravidão e após a abolição, mas também se adaptou e se integrou à cultura brasileira, enriquecendo-a.

O samba, por exemplo, evoluiu de ritmos africanos e se tornou um dos símbolos mais reconhecidos da cultura brasileira. A literatura afro-brasileira também emerge como um poderoso instrumento de resistência e afirmação identitária. Autores como Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e Solano

Trindade, e iniciativas como o Teatro Experimental do Negro (TEN) e os Cadernos Negros, têm desempenhado papéis cruciais na valorização e divulgação das vozes negras. Essas obras e movimentos literários não apenas preservam a memória e as histórias dos negros, mas também desafiam narrativas dominantes e oferecem novas perspectivas sobre a experiência negra no Brasil.

Com a escrita, transformam-na em uma ferramenta poderosa para revelar a realidade dos afro-brasileiros e desafiar a narrativa oficial opressora. Colocam no papel suas emoções, memórias, revoltas e sonhos, que antes existiam apenas em suas mentes. Este é um processo difícil para o homem negro, mas ainda mais desafiador para as mulheres negras. Ao registrar suas experiências, elas revivem e valorizam o trabalho de amas de leite, mães de santo e cozinheiras de gerações passadas. Lutam para tirar essas figuras dos espaços subalternos, como a senzala, a cozinha alheia e a porta dos fundos, e trazê-las para o centro das atenções na casa grande, ocupando a sala de visitas e compartilhando suas histórias.

### **1.3 Resistência e Resiliência na Literatura Afro-Brasileira: A Reivindicação de Espaços e Vozes nas Obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães.**

O termo “escrevivência” foi cunhado por Conceição Evaristo e combina a ideia de escrita com a experiência de vida. Ele se refere não apenas à própria produção literária de Evaristo, mas também ao trabalho de outras autoras negras. Essas escritoras buscam representar a autoimagem no cenário literário brasileiro, compartilhando as aventuras e desventuras de quem vive a dupla condição de ser mulher e negra. O movimento também se conecta à autora Geni Guimarães, conhecida por transformar a miséria de seu cotidiano em sua escrita, desempenhando um papel importante nesse contexto literário. Grada Kilomba, em "Memórias da Plantação" (2019), reflete sobre a importância da escrita das mulheres negras. Ela considera essa escrita como um movimento de resgate da voz feminina e negra, uma luta e resistência para que essas mulheres se tornem sujeitas de suas próprias histórias. Kilomba enfatiza que "escrever é um ato político, permitindo que ela se torne a narradora e a escritora de sua própria realidade, desafiando as imposições do projeto colonial" (KILOMBA, 2019, p. 45).

A escritora Geni Guimarães é conhecida por sua escrita poética e profundamente reflexiva, que habitualmente trata de questões relacionadas à identidade, memória, ancestralidade e justiça social. Suas obras costumam mesclar elementos da tradição oral africana com a experiência afro-brasileira contemporânea, criando uma narrativa que ressoa

com autenticidade e emoção. O livro "A Cor da Ternura", escrito por Geni Guimarães em 1998 e ilustrado por Saritah Barbosa, é instigante, crítico e relevante, especialmente no contexto da alteração da LDBEN 9.394/96 pela Lei Federal 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica. A protagonista, Geni, é uma menina que cresce enfrentando adversidades sociais com resiliência, apoiada por sua mãe afetiva e um pai carinhoso. Sua família, incluindo uma irmã especial e um irmãozinho que desperta tanto crises existenciais quanto fortes laços afetivos, é fundamental em sua jornada de superação e ascensão. Geni vive sua rotina em dois períodos principais: a infância e a fase adulta jovem, quando está concluindo o ginásio e se preparando para ser professora. Conforme Guimarães descreve, "A cor da ternura está em cada olhar, em cada gesto, e nas palavras que ecoam amor e resistência" (GUIMARÃES, 1998, p. 47).

Na escola, Geni se sente isolada como a única aluna negra, alvo de compaixão e desprezo, aprendendo a história de seus antepassados de forma distorcida e passiva, conforme ensinada pela professora. Outros personagens negros mencionados incluem "Dirceu", um menino travesso que com dificuldade foi promovido à terceira série, e crianças lembradas por Geni, como Tilica, Luiza e Jorge, todos mortos de forma trágica. Os personagens brancos incluem a professora D. Odete, um administrador de fazenda, e Gisele, que estranha Geni devido ao medo da professora negra. "A Cor da Ternura" explora o mundo de fantasia e ludicidade de Geni, cheio de dúvidas, medos, ciúmes, astúcia, delicadeza e amor, refletindo a vida de uma criança que percebe e sente o mundo de maneira profunda. A "cor" da "ternura" é interpretada como "negra", representando seus pais e irmãos, que lhe oferecem afeto, apoio e sabedoria para enfrentar as adversidades da vida.

Na obra "A Cor da Ternura" (1998), a autora Geni Guimarães assume um tom autobiográfico ao relatar suas memórias de infância, adolescência e juventude. Entre as várias passagens que escolhe publicar, destaca-se o preconceito que sofreu na escola e seu desejo de se tornar professora para combater esse preconceito por meio da educação. A história oral desempenha um papel crucial em sua vida, especialmente através da figura do griot, um contador de histórias e guardião da tradição oral nas culturas africanas, que, juntamente com sua família, foi fundamental na construção de sua identidade. Esse papel é representado por Nhá Rosália, ou Avó Rosália, como era conhecida pelas crianças da comunidade onde Geni vivia, cuja sabedoria e histórias foram essenciais no desenvolvimento de Geni.

Nhá Rosália era uma senhora negra idosa que morava com uma família de fazendeiros em outra fazenda. Ninguém sabia ao certo por que ela vivia com aquela família, nem sua idade exata. Alguns diziam que tinha 98 anos, outros, 112. A

verdade é que, quando a Vó Rosália – como a chamávamos – chegava, era sempre seguida por um grupo de crianças. Todos queriam ouvir suas histórias, tão lindas e tristes. (GUIMARÃES, 1998, p. 49).

A presença dos mais velhos, ansiosamente aguardados pelas crianças, representava sem dúvida um pedaço de África naquela comunidade no interior de São Paulo. O que lembrava àquelas crianças, a todo o momento, eram as suas origens, costumes, histórias e memória. E, assim como seus ancestrais, Nhá Rosália sabia da importância de seu papel para aquelas crianças, pois, ao contar-lhes "tão lindas e tristes histórias" (GUIMARÃES, 1998, p. 47), as formava e preparava para os desafios da vida que iriam encontrar em uma sociedade racista.

A festa seria depois do recreio, no dia seguinte. Mas, assim que entramos na classe, ela se pôs a falar sobre a data: – Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados às vezes até a morte. Quando...E foi ela discursando por uns quinze minutos. Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosália. Aqueles eram bons, simples humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão e desprezo! Quis sumir, evaporar, não pude. Apenas pude levantar a mão suada e trêmula, pedir para ir ao banheiro. Sentada no vaso estiquei o dedo indicador e no ar escrevi "Lazarento". Era pouco. Acrescentei "morfético". Acentuei o e e voltei para a classe. No recreio a Sueli veio presentear-me com uma maçã e a Raquel, filha do administrador da fazenda, ofereceu-me para trocar meu lanche de abobrinha amassada pelo dela, de presunto e mozzarella. Não os comi, é claro. A compensação desvalia. Não era como o leite que, derramado, passa-se um pano sobre o pronto. Era sangue. Quem poderia devolvê-lo... Vida? Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria? (GUIMARÃES, 1998, p. 64-67)

Ao examinarmos o trecho acima, observamos um conflito entre duas versões: a narrativa oficial, representada pela professora de Geni, e a não oficial, personificada por Vó Rosália. A menina, criada ouvindo as histórias de Vó Rosália, rejeita o relato apresentado pela docente, sentindo-se profundamente insultada e envergonhada com ele. Ela se recusa a aceitar a tentativa de "apagamento" de sua memória e a desconstrução de sua identidade proposta pela professora através da narrativa dominante. Isso fica evidente na frase "Percebi que a versão dela não coincide com a que Vó Rosália nos contava... Eram ingênuos, medrosos, estúpidos, os apresentados pela professora. Não resistiram aos castigos, não se defendiam, pelo menos" (GUIMARÃES, 1998, p. 67).

A denúncia prossegue no parágrafo seguinte, quando a menina descreve sua sensação diante da situação: "quis sumir, evaporar, não pude" (GUIMARÃES, 1998, p. 68). Podemos inferir que essa afirmação expõe uma das razões para a alta taxa de evasão escolar entre

crianças negras. Pedir para ir ao banheiro foi a única saída que a protagonista encontrou para escapar dos olhares sarcásticos dos outros colegas de turma. Contudo, ao agir assim, ela apenas trocou de ambiente, saindo de um espaço onde se sentia inferior, a sala de aula, para ocupar outro "simbolicamente" mais inferior, o banheiro. Nesse contexto, ao escrever "Lazarento" e "Morfético" no ar, revela-se a maneira como a protagonista se percebia naquele momento (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

O impacto do confronto com essa situação é mitigado pela influência das histórias de Vó Rosália e pelos demais elementos que compõem a cultura de sua comunidade, como as parteiras, rezadeiras, os chás e superstições. Esses aspectos prepararam o espírito da personagem para reagir às manifestações de preconceito, como a que ocorreu na escola. Pois, amparada pelos seus, Geni pode construir uma identidade e, ao contrário de outros negros, sabe que pertence a um lugar. Dessa forma, a revolta inicial logo se aplaca, e, quando se depara com o sabor da comida materna e o carinho das palavras paternas, encontra energias para se reerguer e lutar. Fortalecida pela união de sua família, decide estudar e se tornar professora, para poder transformar a realidade que o mundo lhe apresentava.

O livro "Leite do Peito" (GUIMARÃES, 2001) compila 12 contos que revelam uma escrita profundamente pessoal de Geni Guimarães. Surpreendentemente, cada conto é narrado sob a perspectiva de uma única personagem, permitindo-nos acompanhar de perto seu crescimento, sua família e suas tradições. Assim como em "A Cor da Ternura" (GUIMARÃES, 1998), Geni Guimarães aborda questões pessoais de maneira íntima e reflexiva, mergulhando nas nuances da vida cotidiana e nas experiências que moldam a jornada da protagonista.

O primeiro conto, por exemplo, retrata o momento do desmame, quando a personagem precisa ceder espaço ao irmão mais novo que está por vir. Intitulado "Primeiras Lembranças", somos apresentados à criança Geni. Ainda em fase de amamentação, Geni faz perguntas inteligentes à sua mãe, sugerindo que ela deve ter cerca de quatro anos de idade "Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia, colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava dele os seios e mamava em pé" (GUIMARÃES, 2001, p. 15). Durante esses momentos de amamentação, Geni também fazia perguntas à mãe, como "Mãe, a senhora gosta de mim?" ou "Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?" A mãe, apesar de certo desconforto com a última pergunta, responde "Tinta de gente não sai. Se saísse (...) você ficava branca e eu preta." Geni percebe a tristeza da mãe e conclui a conversa com carinho: "Mentira, boba. Vou ficar com esta tinta mesmo. Acha que eu ia

deixar você sozinha? Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá?” (GUIMARÃES, 2001, p. 15-16).

Esse episódio marca um processo de amadurecimento para a personagem, pois ao longo dos contos ela vai gradualmente compreendendo melhor a realidade ao seu redor. Enquanto isso, a obra como um todo destaca as experiências de Geni, uma menina negra, enquanto ela cresce e se confronta com as diferenças entre os espaços privados e públicos. A escola se revela como um ambiente crucial, onde Geni confronta seu próprio conhecimento sobre os negros com o conhecimento oficial. A figura marcante de Vó Rosária representa seu primeiro contato com esse conhecimento. Certa vez, Vó Rosária narrou a comemoração dos escravos após a assinatura da Lei Áurea.

[...] e apenas com um risco que fez no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. Uns saíram dançando e cantando. Outros, aleijados por algum sinhô que não foi obedecido, apenas cantavam. Também teve bebida à vontade, para quem gostasse e quisesse. (GUIMARÃES, 2001, p. 46 – 47).

Assim Geni, passa a admirar a Princesa Isabel por sua benevolência em libertar os escravos, como se verifica no fragmento abaixo.

Rezei três Pai-Nossos e três Ave-Marias. Ofereci à Santa Princesa Isabel, pedindo-lhe que no dia seguinte não me deixasse perder a hora de me levantar nem esquecer o nariz sujo. Agradei também por ter sido tão boa para aquela gente da escravidão. Deitei-me, formulando uns versinhos na cabeça. Quando soubesse ler e escrever (que ela ia me ajudar), escreveria no papel e recitaria na escola. (GUIMARÃES, 2001, p. 48)

Na frase – “mutilações não apenas psíquicas, mas físicas” – a autora expõe o que a história oficial negligencia: as graves consequências físicas das atrocidades sofridas pelos escravizados. Para Geni, no entanto, o aspecto mais marcante é a libertação dos escravos, percebida como um ato de benevolência da Princesa Isabel, após uma simples assinatura. Encantada ao saber que a Princesa foi responsável por isso, Geni passa a admirá-la quase como uma santa. Ao receber a confirmação de seus pais sobre a santidade da Princesa, a jovem, em sua inocência infantil, passou a venerá-la ainda mais, admirando sua suposta generosidade por libertar os escravos. A menina Geni, ao frequentar a escola, confronta-se de forma mais direta com o preconceito racial. No quinto conto, intitulado "Tempos Escolares", durante os preparativos de Geni para mais um dia de aula, sua mãe lhe oferece uma recomendação.

\_\_\_ Amanhã, seu cabelo já está pronto. Hoje você dorme com lenço na cabeça que não desmancha. Não esqueça de colocar o lenço novo no bernal. Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho, antes de sair.

\_\_\_ Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? - perguntei.

\_\_\_ Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela.

\_\_\_ Mas a Janete do seu Cardoso vai de remela no olho e até mocô no nariz e...

\_\_\_ Mas a Janete é branca – respondeu-me minha mãe, antes que eu completasse a frase. (GUIMARÃES, 2001, p. 45).

Geni aspira se igualar às outras meninas, mas sua mãe lhe ensina que existe uma expectativa específica em relação aos negros, tanto em termos de comportamento quanto de aparência. Ela percebe a cor clara como sendo privilegiada. Enquanto Janete, por ter pele clara, pode se permitir certos descuidos, como ir à escola com remela no olho ou até mesmo com sujeira no nariz, Geni sente a pressão de se mostrar superior a isso. Ela entende que, por ser negra, qualquer descuido com sua higiene pessoal pode trazer consequências negativas. É em seu lar que a criança negra muitas vezes absorve a ideia de inferioridade em relação à criança de pele clara. Sua mãe, mesmo enfrentando suas próprias dificuldades devido ao preconceito racial e à falta de oportunidades educacionais, tenta, movida pelo amor à filha, transmitir-lhe a importância de estar sempre apresentável. Ela ensina a Geni que, para ser socialmente uma mulher negra “precisa se esforçar mais” precisa se esforçar mais, pois a cor da pele sempre será associada, aos olhos daqueles com pele clara, a algo sujo ou inferior.

No sétimo conto, "Alicerce", a personagem Geni, que já está no ensino médio, decide se tornar professora por acaso. Isso acontece quando o pai de Geni, depois de um dia de trabalho na lavoura, pede a ela para buscar o rolo de fumo de corda embrulhado em papel de jornal com a foto do Pelé sorrindo. Ele pede a Geni que leia um comentário sobre as façanhas esportivas e a vida do jogador e depois expressa admiração pelo pai de Pelé: "Seu Pelé, esse é bom de bola mesmo, né não? O pai de Pelé é que deve não se caber de orgulho". Geni, inspirada pela figura de sucesso de Pelé como um negro bem-sucedido, decide que também quer ser motivo de orgulho para seu pai ao se tornar professora, buscando assim ajudá-lo a esquecer as dificuldades da vida. Embora a reportagem sobre Pelé no papel de jornal possa não ter sido sua primeira motivação para escolher a profissão de professora, já que naquele momento ela nem sabia qual carreira seguir: "Pai, o que mulher pode estudar? / Pode ser costureira, professora..." (GUIMARÃES, 1998, p. 70). A ideia de ser uma fonte de orgulho para seu pai se torna um fator importante em sua decisão. A conversa com seu pai também reflete a visão tradicional sobre o papel das mulheres na sociedade, muitas vezes limitado a ocupações ligadas ao cuidado e ao bem-estar dos outros

A resistência arraigada da maioria dos brancos em enxergar o negro além do estereótipo, muitas vezes associado à ideia de que ele "não é capaz intelectualmente" (GOMES, 1995, p. 115), é ilustrada por Geni Guimarães no mesmo conto "Alicerce". Isso se evidencia por meio de um diálogo entre o pai de Geni e o administrador da comunidade em que viviam e trabalhavam, demonstrando as limitações e preconceitos que permeavam as relações entre brancos e negros na época.

Nisso ia passando por nós o administrador, que, ao parar para dar meia dúzia de prosa, cumprimentou meu pai e disse:

— Não tenho nada com isso, seu Dito, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...

(...)

— É que eu não estou estudando ela pra mim – disse meu pai. – É pra ela mesma.

(...)

— Ele pode até ser branco. Mas mais orgulhoso do que eu não pode ser nunca. Uma filha professora ele não vai ter. (GUIMARÃES, p. 71).

Geni Guimarães reflete, por meio da fala do administrador da comunidade, uma visão enraizada na sociedade brasileira, que ainda persiste hoje em dia, sobre o papel destinado historicamente ao negro: o trabalho manual, desvalorizando a necessidade de qualificação profissional, já que se acredita que pessoas de "cor são feitas de ferro" (GUIMARÃES, 1998, p. 72). Essa mentalidade considera mais adequado para os negros o trabalho árduo na lavoura e desencoraja o investimento em educação para os filhos. Outro texto, também de Geni Guimarães, pode reforçar a influência da narrativa de memórias na formação do homem negro. Refiro-me ao poema intitulado "Aviso", presente em sua obra "Da flor o afeto, da pedra o protesto" (1981).

Olha aqui, moço: Aquela história que você inverteu, meus avós explicaram para meus pais, meus pais explicaram para mim, eu já expliquei para os meus filhos, meus filhos vão contar para os filhos deles: Cuidado, pois. (GUIMARÃES, 1981, p. 29).

O poema defende com fervor a tradição oral, aquela velha prática de passar histórias de boca em boca. Essas histórias faladas são como um escudo contra as tentativas de distorcer ou omitir fatos importantes da história dos afro-brasileiros. Elas nos capacitam a questionar, resistir e desafiar as versões manipuladas que nos são impostas. No meio do embate entre diferentes versões da história, o poema ecoa como um grito de revolta contra a violência da manipulação.

A escrita de Conceição Evaristo é profundamente enraizada em suas experiências pessoais e nas histórias das mulheres ao seu redor. Ela se apropria da escrita através das memórias, palavras e ações das mulheres de sua comunidade, desde familiares até vizinhas.

Sua escrita é permeada por elementos do cotidiano, como barracos, morros, cozinhas e trouxas de roupas sujas, além de objetos simbólicos como tranças, livros e desenhos. Ao escrever, Conceição Evaristo assume um eu coletivo, compartilhando experiências e histórias não apenas suas, mas também de outras mulheres afro-brasileiras, como Geni Guimarães. Ela reescreve a história do Brasil a partir de uma perspectiva feminina e afrodescendente, trazendo à tona narrativas antes marginalizadas ou silenciadas.

No livro *Becos da Memória* (2006), a escritora narra a história de uma comunidade que vive um processo de desfavelamento, a personagem Maria Nova, moradora da favela dedica-se a registrar as histórias de seus vizinhos, no intuito de preservá-las. “Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada” (EVARISTO, 2006, p. 35).

Maria-Nova tinha em Bondade outro contador de histórias. Coisas que ele não contava para gente grande, Maria-Nova sabia. As histórias tristes Bondade contava com lágrimas nos olhos; as alegres ele tinha no rosto e, nas mãos, nas mãos a alegria de uma criança. Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes vinha-lhe. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para guardar dentro de um só peito. – Maria-Nova quer uma história alegre ou triste? – Ela quase sempre estava mais para a amargura. Achava os barracos, as pessoas, a vida de todos, tudo sem motivo algum para muita alegria. Ela pediu a história triste, a mais verdadeira. (EVARISTO, 2006, p. 39).

O livro nos revela que será a pequena menina quem transformará vozes antes "mudas" e "engasgadas" em um ato redentor, em "vida-liberdade". Esse gesto de reunir todas essas vozes também ressalta a importância da memória na formação dessa filha, que, ao partir para a luta, é guiada por tudo que aprendeu com suas ancestrais.

– Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, libertam-se na vida de cada um de nós que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2006, p. 103).

Podemos mencionar um trecho de "*Becos da memória*" (2006), onde Tio Tatão dá uma ordem a Maria-Nova, reforçando ainda mais a ideia de depositar esperança nas novas gerações.

A dor de Tio Totó significava para ela um compromisso de busca de uma melhor forma de vida para si própria e para os outros. A vida parecia uma brincadeira de mau gosto. Um esconde-esconde de um tesouro invisível, mas era preciso tocar para frente. Ela sabia que a parada significava recuo, era como trair a vida. A menina ia à procura, à cata de algo e não queria voltar de mãos vazias. Olhou a tia, Maria-Velha,

a mãe e os irmãos, e sentiu que era preciso caminhar junto com eles, arrumando, consertando, melhorando, modificando a vida (...). Um dia, e agora ela já sabia qual seria sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova, um dia, escreveria a fala do seu povo. (EVARISTO, 2006, p. 161).

Após o fim da escravidão no Brasil, em 1888, muitos negros libertos foram expulsos das fazendas onde haviam trabalhado como escravos, sem receberem qualquer tipo de compensação ou apoio para a reintegração na sociedade. Esses ex-escravos procuraram abrigo nas cidades, esperando encontrar melhores condições de vida. No entanto, a elite branca urbana via a presença de negros e mestiços como sinônimo de sujidade e atraso, associando-os à pobreza e ao passado escravista. Com o objetivo de tornar as cidades mais "civilizadas" e europeias, iniciou-se um processo de "purificação" urbana. Esse processo, muitas vezes violento e discriminatório, resultou na expulsão sistemática da população negra e mestiça para as regiões periféricas, onde surgiram as favelas. As condições de vida nessas áreas eram precárias, com falta de infraestrutura básica, serviços de saúde e educação.

Além das favelas, outra opção para a população negra era retornar às fazendas onde seus antepassados foram escravizados, mas agora como trabalhadores assalariados, embora em condições frequentemente tão opressivas quanto antes. Outra alternativa era buscar emprego nas terras dos imigrantes europeus que estavam prosperando no Brasil, muitas vezes enfrentando discriminação e exploração também nessas novas ocupações. Este período pós-abolição refletiu a continuidade do racismo estrutural e a exclusão social, mostrando que, embora a escravidão tivesse oficialmente terminado, as práticas de discriminação e marginalização continuaram a afetar profundamente a vida da população negra no Brasil.

Em "Becos da Memória" (2006), a narradora descreve o cotidiano na favela, seus residentes, eventos, tristezas, tragédias, injustiças e as batalhas diárias pela sobrevivência. Nas torneiras públicas, os recipientes para roupas se destacam. Vestimentas de outros simbolizam o sustento, o labor e a rebelião dessas mulheres contra a fome, a desonra, a exploração e a mendicância.

Filó Gazogênia sempre trabalhou. Quando estava boa de saúde, a filha saía para trabalhar e a velha ficava tomando conta da neta e ainda lavava roupas para fora. Ficava sempre perto de Maria-Velha e Mãe Joana. As tinas das três moravam constantemente na torneira. Havia lavadeiras que nem levavam as tinas para casa, porque voltariam no outro dia, no outro dia, voltariam sempre. (EVARISTO, 2006, p. 102).

Na mesma obra Evaristo nos apresenta um novo aspecto da memória social afro-brasileira.

Nesta época ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma, e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu um certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela. (EVARISTO, 2006, p. 70).

O livro também destaca a presença da parteira, uma ocupação feminina inicialmente atribuída às escravizadas e, posteriormente, às recém-libertas, até que os médicos usurparam essa função.

(...) Vó Rita era a parteira da favela. Muito marmanhão e marmanjona havia sido neném na mão de Vó Rita. Todos gostavam dela. Quantas vezes um fuzuê estava armado e, se ouviam a voz de Vó Rita por perto, cada contendor tomava o seu rumo. Não era preciso ela dizer nada. Não era preciso ela dizer nada. Era só ouvir a voz de Vó Rita que o valentão ou a valentona se desarmava todo. O amor de Vó Rita desarmava qualquer um. (EVARISTO, 2006, p. 81).

As narrativas afro-brasileiras, como exemplificado em "Ponciá Vicêncio" (2017) de Conceição Evaristo, são marcadas por temas de resistência e resiliência, refletindo a luta contínua da população negra por reconhecimento e equidade. Essas histórias destacam a importância da reconexão com raízes culturais e ancestrais como formas de resistência contra as estruturas sociais opressivas. Evaristo, com sua linguagem lírica e sensível, explora a complexidade da vivência negra no Brasil, evidenciando a determinação das mulheres negras em reivindicar espaços e vozes em uma sociedade marcada pela disparidade racial. A literatura afro-brasileira, assim, não apenas ilumina questões cruciais da sociedade brasileira, mas também celebra a resiliência e a perseverança da comunidade negra na busca por autodeterminação e justiça social.

No âmbito das reflexões sobre memória, Halbwachs (2004) argumenta que a memória individual está sempre ligada ao contexto social e aos grupos aos quais pertencemos. Nesse sentido, nossas lembranças são moldadas pelas experiências compartilhadas com as pessoas ao nosso redor, mesmo quando não estão presentes. Portanto, a memória é uma construção social. Le Goff (2013) destaca a importância da memória coletiva na criação de um senso de pertencimento a um grupo comum. Segundo ele, cada pessoa elabora sua própria versão da história de acordo com seus interesses individuais e grupais, contribuindo para a construção de identidades coletivas. Finalmente, Pollak (1992) argumenta que a disputa pela construção

do passado ocorre no presente, sendo utilizado como recurso para a formação de identidades que atendam às necessidades do momento presente.

Restavam-lhe, porém, os outros membros da família por todo o povoado. Todos eram parentes por ali. Desde que os negros haviam ganho aquelas terras, ninguém tinha chegado e eles se casavam entre si. Eram parentes, talvez, desde sempre, desde lá de onde tinham saído. Ela decidiu, então, que iria rever os outros, aqueles que também eram os seus. (EVARISTO, 2017, p. 51).

Ponciá, após se mudar para a cidade, decide retornar para reencontrar sua família. No entanto, não encontra sua mãe, Maria Vicêncio, que estava vagando em busca dos filhos, nem seu irmão Luandi, que também havia partido à sua procura. No entanto, ela reencontra "aqueles que tão eram seus", o que lhe proporciona um forte sentimento de pertencimento ao se reconectar com esses "outros membros da família" (EVARISTO, 2017, p. 123). Segundo Pollak (1992), as memórias individual e coletiva se influenciam mutuamente e estão interligadas com a memória histórica e a identidade social. Ambas são socialmente construídas e negociadas, pois contêm informações importantes para os indivíduos e têm como função principal garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertencimento. De maneira similar, Jacques Le Goff (2013) afirma que a memória é crucial para a identidade, tanto individual quanto coletiva. Ele destaca que a memória coletiva não é apenas uma conquista, mas também um instrumento e objeto de poder.

Assim, a experiência de Ponciá ilustra como a reconexão com suas raízes e a memória coletiva de sua família desempenham um papel vital na construção de sua identidade e no fortalecimento de seu senso de pertencimento. A narrativa de Ponciá reflete como a memória coletiva pode ser uma fonte de coesão e de poder, ao mesmo tempo em que oferece uma compreensão mais profunda de si mesma e de seu lugar na comunidade. No trecho abaixo, observamos essa angústia e uma análise profunda do tempo presente, marcada por uma situação de opressão do passado que continua a se manifestar na vida dos moradores negros dessa Vila.

Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. [...] De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? (EVARISTO, 2017, p. 70).

No romance de Evaristo, as memórias e vestígios dos ancestrais da protagonista são amplamente explorados pela autora para dar voz às narrativas silenciadas, ocultadas pela

história oficial e pela literatura brasileira. Essas histórias afrodescendentes foram deliberadamente esquecidas para que a perspectiva supremacista branca e masculina pudesse dominar. Ponciá está constantemente rememorando seu passado, pois através desse processo ela restitui sua identidade. Candau ressalta que “[...] é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (CANDAU, 2019, p. 16).

Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? Um dia perguntou isto ao pai, com jeito, muito jeito. [...] Perguntou e a resposta do pai foi uma gargalhada rouca de meio riso e de meio pranto. Olhou o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre. (EVARISTO, 2017, p. 17).

Como exposto em 'Poncia Vicencio', o trabalho, apesar de humanizar o homem e a mulher, é também capaz de desumanizá-los através de sua exploração.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. [...] De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis." (EVARISTO, 2017, p. 30).

Outra questão abordada é a distinção entre os sexos em relação às experiências de desigualdade e violência entre os negros. Ponciá, na narrativa, pondera sobre a igualdade experimentada por homens e mulheres negros em sua comunidade, percebendo que, apesar das dificuldades variarem entre os gêneros, todos sofrem; a vida é difícil para todos.

Às vezes ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem. Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vô Vicêncio, do irmão dela que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos e que nem tempo de brincadeiras tivera. E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conheceu, a vida era tão difícil quanto para a mulher" (EVARISTO, 2017, p. 48).

Na narrativa de "Ponciá Vicêncio", semelhante às histórias de milhões de mulheres negras brasileiras, a opressão e a violência são retratadas para destacar sua presença constante na vida das mulheres negras e pobres, afetadas pelo patriarcado, sexismo e pobreza. Evaristo aborda a violência contra a mulher negra no romance. Ponciá, cada vez mais ausente e doente, herdeira da enfermidade de seu avô, é frequentemente agredida pelo companheiro, mostrando como a violência de gênero e raça também ocorre entre casais negros, com o homem reproduzindo a subjugação feminina. Outro aspecto importante do romance é o protagonismo das mulheres negras, que sustentam suas famílias na Vila através do trabalho na lavoura,

enquanto os homens trabalham para os senhores brancos, deixando às mulheres a responsabilidade de garantir a sobrevivência nas roças.

Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele. (EVARISTO, 2017, p. 19).

Ponciá, impulsionada pelo desejo de escapar da vida na roça, descobre o poder da leitura. Para ela, ler e escrever representam formas de se afirmar e se inserir no mundo. O sonho de liberdade para sua família, profundamente afetada pela escravidão, se concretiza também através das conquistas de seus descendentes. A habilidade de Ponciá vai além de uma mera ferramenta; é um instrumento de luta e empoderamento para uma mulher negra e pobre. Ela compreende a importância de registrar sua própria existência por meio da escrita. Escrever se torna uma maneira de afirmar sua presença no mundo, expressar sua singularidade e participar de uma comunidade marcada pela escrita, sem perder de vista a necessidade de sobrevivência nas roças.

A escola brasileira e os desafios enfrentados pelos alunos negros são temas essenciais para compreender a memória social afro-brasileira, presente nas obras de autores como Conceição Evaristo e Geni Guimarães. A Constituição Federal de 1988 do Brasil, em seu artigo 205, estabelece que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988, p. 170). A Constituição também afirma que o ensino deve se basear em princípios de igualdade de acesso e continuidade na escola. Contudo, a realidade mostra-se diferente: nem todos os brasileiros têm acesso à escola ou a uma educação de qualidade.

Para os estudantes negros, essa desigualdade tem raízes históricas profundas. Desde o período colonial, os negros foram sistematicamente excluídos do sistema educacional brasileiro. Durante a escravidão, os escravizados foram privados de qualquer direito, incluindo o acesso à educação. Em 1854, o governo brasileiro promulgou o decreto nº 1.331, que proibia a entrada de escravizados nas escolas públicas, e a educação de negros adultos só seria possível se houvesse disponibilidade de professores. Em 1878, o decreto nº 7.031 restringiu ainda mais o acesso, permitindo que os negros estudassem apenas no turno noturno. Ao longo do tempo, várias medidas foram adotadas para dificultar o acesso pleno dos negros à educação formal.

(...) arrumei minha malinha de cadernos, sem pressa. Senti um cutucão nas costas. Era a Diva, me avisando:  
 – Eu já beijei. A Iraci e a Laurinha também já beijaram as delas. Anda logo.  
 Novo disparo no peito e o coração de volta para a garganta. O beijo! Não havia tempo para dúvidas, só faltava eu. Levantei-me depressa, ergui os pés e encostei os lábios no rosto da mestra. Dei dois passos em direção a porta, esbarrei na mesa, enrosquei o cadarço da alpargata no pé da cadeira. Abaixei-me para me livrar do enrosco e olhei para trás. Dona Odete, com as costas da mão, limpava a lambuzeira que eu, inadvertidamente, havia deixado em seu rosto. Pude ver, então, a sua mão, bem na palma. Era branca, branca. (GUIMARÃES, 2001, p. 51-52).

### Conceição Evaristo através de sua personagem Maria Nora reflete.

(...) Ambos, quando pequenos, tinham o desejo de aprender a ler. Pequenina, ainda se entretinha horas e horas com revistas e jornais que a mãe e a tia lhe traziam. Tio Tatão, por vez ou outra, aparecia com um presente, um livro. Maria-Velha e Mãe Joana sabiam ler. Maria-Velha aprendera com uns missionários que volta e meia apareciam no vilarejo em que foram criadas. Mãe Joana aprendera sozinha catando cuidadosamente as letras, nas horas de folga nas casas em que trabalhava. Era, talvez, seu grande desejo e esforço para que os filhos aprendessem a leitura. Todos foram para a escola. Muitas vezes a fome acompanhava as crianças pelo caminho, pois o pouco dinheiro do pão era desvirtuado para a compra de um caderno, lápis ou borracha. Elas caminhavam rápidas e, aflitas, esperavam pela hora da merenda. Maria-Nova, à medida que aprendia, tornava-se mestra dos irmãos menores e das crianças vizinhas. Maria-Nova crescia, lia, crescia. (EVARISTO, 2006, p. 62).

A citação de Evaristo em "Ponciá Vicêncio" (2017, p. 62) destaca a importância da leitura como forma de empoderamento e resistência. "Maria-Velha e Mãe Joana, apesar das dificuldades, priorizam a educação, simbolizando a luta contra a marginalização." Como argumenta Paulo Freire, "a educação é um ato político e um meio para a emancipação social" (Freire, 1996, p. 33). Freire enfatiza que "a alfabetização é uma ferramenta crucial para que os oprimidos adquiram consciência crítica e lutem contra as condições de opressão" (Freire, 1996, p. 41). Além disso, "Maria-Nova, ao se tornar mestra dos irmãos e vizinhos, exemplifica a transmissão do conhecimento como um ato de resistência coletiva" (Evaristo, 2017, p. 62). Segundo Florestan Fernandes, "a educação é fundamental para superar as barreiras sociais impostas pela desigualdade racial e econômica no Brasil" (Fernandes, 2005, p. 92).

A narrativa de Evaristo reforça essa ideia ao mostrar como a educação e a leitura permitem que as personagens não apenas sobrevivam, mas também afirmem sua identidade e autonomia.

Conceição Evaristo e Geni Guimarães destacam a importância de não lerem suas experiências como meras histórias para "ninar os da casa-grande" (Evaristo, 2017, p. 45), mas sim como uma forma de "incomodar a elite injusta em seus privilégios" (Evaristo, 2017, p. 45). Evaristo enfatiza a necessidade de "amplificar suas vozes, mesmo que através do choro, riso ou canto, como forma de resistência e perseverança" (Evaristo, 2017, p. 45). Essas vozes

representam uma conquista histórica, resultado da luta de escritores negros desde o Romantismo brasileiro contra a elite intelectual dominante e as grandes editoras preocupadas com o lucro. Os escritores afro-brasileiros "resistiram aos padrões eurocêntricos do cânone literário, buscando a aceitação de suas obras respeitando suas características étnicas e culturais específicas" (Schmidt, 1996, p. 116). Esta luta não é apenas "por um lugar no centro literário, mas também por um reconhecimento das margens culturais complexas e irreduzíveis à categorização unidimensional" (Schmidt, 1996, p. 116).

## 2. SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA NAS IDENTIDADES FEMININAS NEGRAS

Durante a colonização do Brasil, as mulheres eram principalmente responsáveis pelos cuidados domésticos e familiares. A educação era restrita às famílias ricas, onde as meninas aprendiam habilidades básicas e recebiam o título de *sinhá-moça*. As mulheres negras, mesmo após a abolição, geralmente continuavam em funções domésticas nas casas de brancos em troca de abrigo e comida. Elas enfrentavam exclusão social e competiam com o trabalho escravo. Na visão de Araújo (2004).

Impedidos absolutamente de qualquer ascensão socioprofissional pela mácula da cor e pela do trabalho manual, terminaram convivendo e competindo com o trabalho escravo, na condição na qual estavam muito próximos, e da qual queriam escapar. (ARAÚJO, 2004, p.3).

Após a Constituição de 1824, que propôs o ensino primário gratuito, negros e indígenas ainda enfrentaram restrições ao acesso à educação. A Lei Geral de 1827 estabeleceu escolas primárias com currículos distintos para meninos e meninas. Apenas em 1878, um decreto permitiu que negros libertos maiores de quatorze anos frequentassem cursos noturnos. As mulheres só conquistaram o direito de acesso à faculdade em 1879. A Lei Áurea de 1888 aboliu a escravidão no Brasil, mas não garantiu outros direitos aos libertos, como posse de terras ou acesso à educação. A reforma agrária foi ignorada, mantendo as propriedades dos grandes fazendeiros intactas. Após a abolição, os antigos cativos ficaram sem recursos, empregos ou instrução, enquanto os cafeicultores paulistas substituíram o trabalho escravo por mão de obra assalariada e incentivaram a imigração.

A Proclamação da República em 1889 e a Constituição de 1891 não incluíram direitos sociais como educação e saúde, mantendo a maioria da população analfabeta até 1934. A necessidade de reformular a educação surgiu com a industrialização e a Crise Cafeeira de 1929, levando a mudanças significativas após a Primeira Guerra Mundial. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961 marcou um avanço ao defender uma educação pública e gratuita. Movimentos negros no início do século XX incentivaram a educação como meio de ascensão social. Hoje, a educação é vista como essencial para a igualdade e a redução da violência na sociedade. Historicamente, a literatura excluiu muitas mulheres, negras e brancas, relegando-as aos espaços domésticos e religiosos. A literatura afro-brasileira surgiu no século XVIII, mas a presença significativa de escritoras negras só se consolidou a partir dos anos 1980, impulsionada pelo movimento negro. A representação da mulher negra na literatura foi moldada por escritores brancos, focando em características físicas e ignorando seus

pensamentos e desejos. Elas raramente eram retratadas como musas ou heroínas, sendo vistas principalmente como corpos para procriação ou prazer, ainda ligadas a imagens do passado escravista.

No primeiro capítulo de "Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano", Grada Kilomba (2019) discute a importância de permitir que as mulheres africanas tenham sua própria voz e reivindiquem seus direitos. Kilomba afirma que "permitir que as mulheres africanas tenham sua própria voz e reivindiquem seus direitos é essencial para combater a marginalização e a opressão" (Kilomba, 2019, p. 20). Spivak fala sobre a "violência epistêmica" do colonialismo, que reduz o sujeito à condição de Outro (Spivak, 2010, p. 25). Barros expande essa ideia, destacando que "o colonialismo não apenas exotizou e inferiorizou o sujeito negro, mas também anulou sua existência ontológica" (Barros, 2019, p. 45). Simone de Beauvoir destacou a categoria do "Outro" como uma condição de subalternidade para as mulheres, relacionando-a à dialética senhor/escravo de Hegel (Beauvoir, 2008, p. 75). Para Grada Kilomba, "a mulher negra é ainda mais marginalizada, sendo o 'Outro do outro', em uma posição ainda mais desafiadora na sociedade" (Kilomba, 2019, p. 32). Djamilia Ribeiro enfatiza que "as mulheres negras representam uma dupla alteridade em relação aos padrões eurocêntricos de branquitude e masculinidade" (Ribeiro, 2018, p. 58).

Walter Benjamin observou que "todo documento cultural carrega vestígios de barbárie", levando o historiador crítico a analisar a história de maneira aprofundada e reflexiva (BENJAMIN, 1985, p. 256). Michael Pollak afirma que "a história se fragmenta em narrativas diversas" (POLLAK, 1992, p. 24). Essa abordagem contrasta com a busca do historiador pela representação objetiva do passado. Giulio Carlo Argan e Adorno destacam como "certos grupos sociais foram marginalizados e suas histórias distorcidas por narrativas oficiais" (ARGAN, 1985, p. 45; ADORNO, 1985, p. 67). Chimamanda Adichie adverte sobre os perigos da "história única", enfatizando que "diferentes perspectivas enriquecem a compreensão da narrativa histórica" (ADICHIE, 2009, p. 42). Adichie também destaca "o papel do poder na construção e controle das narrativas históricas" (ADICHIE, 2009, p. 47).

A literatura desempenha um papel crucial na formação do imaginário social das nações pós-coloniais, conforme destacado por Anderson (1997) e Bell Hooks (2019). Hooks ressalta que a escrita é uma forma de desafiar a invisibilidade colonial, capacitando o sujeito negro, especialmente a mulher negra, a tornar-se autora de sua própria história. Além de enfrentar a marginalização histórica devido à sua raça, a mulher negra também enfrenta restrições patriarcais sobre sua expressão, como discutido por Bell Hooks (2019). A autora

ênfatiza a importância da liberdade de expressão compartilhada entre mulheres negras como um espaço de autonomia e afirmação.

## **2.1 Resistência e Empoderamento nas Narrativas Femininas**

Durante muito tempo, a literatura foi dominada pela elite branca e masculina, excluindo mulheres negras e brancas, confinando-as a espaços domésticos ou religiosos. A presença das escritoras negras ganhou destaque a partir de 1980, com o avanço do movimento negro. Historicamente, a representação da mulher negra na literatura reforçou estereótipos, focando em aspectos físicos e silenciando suas vozes e desejos. Esperança Garcia, a primeira escritora negra conhecida, denunciou maus tratos em uma carta de 1770, sendo um marco na literatura afro-brasileira. Mulheres são frequentemente invisibilizadas pela história oficial e literatura, e quando aparecem, são estereotipadas. Escritoras negras, ao tomarem posse da "pena", buscam inscrever no corpo literário brasileiro imagens de autorrepresentação. A escrevivência das mulheres negras destaca as aventuras e desventuras de ser mulher e negra, uma dupla condição que a sociedade insiste em inferiorizar (EVARISTO, 2005, p. 205).

A escrevivência permite que Evaristo fale de si mesma de forma indireta, sem se nomear explicitamente. Um exemplo é a personagem Maria-Nova, que, embora se assemelhe a Evaristo, não é a própria autora. Evaristo cria seus personagens a partir de lembranças, histórias ouvidas, músicas e situações vividas. Ela explica que "sua escrita nasce do acúmulo de palavras e histórias desde a infância, de conversas que ouviu, mesmo quando fingia dormir, absorvendo palavras e sons" (EVARISTO, 2007, p. 19). Constância Lima Duarte, em seu artigo, afirma que o conceito de escrevivência de Evaristo representa "um desafio para o eu lírico transcender o biográfico", citando Evaristo: "Comprometer a vida com a escrita ou comprometer a escrita com a vida?" (EVARISTO, 2007, p. 17 apud DUARTE, 2010, p. 231).

Outro aspecto da escrevivência é a consciência de um eu coletivo. O autor sabe que é um porta-voz e assume a responsabilidade de "falar por aqueles que não podem ou não sabem se expressar" (GUIMARÃES apud LIMA, 2010, p. 222). As escritoras negras Evaristo e Guimarães representam mulheres que buscam um grupo com o qual se identifiquem, algo que não encontram totalmente no movimento negro ou no feminista. O movimento negro não aborda completamente as questões de gênero, enquanto o feminismo tradicional tem lacunas em relação à experiência das mulheres negras. Isso levou à formação de um feminismo negro, reconhecendo que ser mulher negra é uma vivência distinta de ser mulher branca. As mulheres negras perceberam a necessidade de um novo grupo, talvez uma interseção entre o movimento negro e o feminista (GUIMARÃES, 2012). Essas autoras desejam redefinir sua

identidade, libertando-se de estereótipos e assegurando o direito de serem mulheres negras. A escrita torna-se um ato engajado e coletivo, uma ferramenta que representa essa coletividade em várias expressões e esferas na literatura e na teoria literária. Exemplos disso são os trabalhos de Geni Guimarães e Conceição Evaristo, que elaboram seus discursos tanto em obras literárias quanto em críticas literária

Se considerarmos a história de "Ponciá Vicêncio" (2017), primeiro romance de Conceição Evaristo, que narra a trajetória de uma mulher em busca de si mesma, e analisarmos sua relação com o barro, poderemos ilustrar claramente a conexão de Conceição Evaristo com a escrita. Acreditamos que a literatura é para a escritora o que o barro é para a personagem.

O barro pra Ponciá é a arte. E eu acho que a arte é uma forma de escapatória. Como foi para Bispo do Rosário. A arte te dá a possibilidade de viver no meio de tudo sem enlouquecer de vez. Ela permite suportar o mundo. O ser humano tem essa necessidade. O que mantinha Ponciá viva e o que possibilitou o reencontro com sua família foi o barro. No final, quando ela anda em círculos é como se estivesse trabalhando uma massa imaginária. Ela cuida das ausências porque estas se percebem e se transferem para o corpo, como com Vô Vicêncio, com o braço cotó. A ausência de sua mão é que o faz reconhecido, percebido. Eu trabalhei bastante o texto final do livro. Eu queria falar da própria arte da literatura. Quando construo o texto e trabalho as palavras, é como Ponciá trabalha o barro. Aquele cuidado dela é como o que a escritora tem com a feitura do texto. No final, são passado e presente se juntando. Há um trecho que ilustra isso [a escritora abre o livro e lê em voz alta]: “com o zelo da arte, atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava ainda significar as mutilações e as ausências que também conformam um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda (PV, 131)”. Essa arte é a escrevivência. (EVARISTO apud ARRUDA, 2007, p. 102).

A escrita de si, para as mulheres negras, é um ato de insubordinação e coragem. É um movimento de encontros, reconhecimentos e superações. Trata-se de um processo de escolhas conscientes, pois há uma responsabilidade tanto com quem se representa quanto com quem se escreve. As memórias possuem uma importância essencial na literatura afro-brasileira, servindo como uma fonte rica e inesgotável de histórias e experiências muitas vezes ignoradas pela narrativa dominante. A história oral também é vital, preservando e transmitindo tradições, conhecimentos e vivências de gerações passadas. Por meio dessa tradição oral, as autoras negras resgatam e valorizam suas raízes, fortalecendo a identidade e a resistência cultural. Assim, a literatura não é apenas um espaço de expressão pessoal, mas também um meio de registrar e perpetuar as vozes e narrativas de um povo.

A maneira que Geni escolhe para compor sua autobiografia é simples e cotidiana. Geni Guimarães desconstrói o estereótipo das famílias negras como sempre desestruturadas, dando

visibilidade aos momentos comuns nas relações familiares, que muitas vezes estão ausentes quando se trata de famílias negras em nossa literatura.

Hoje, a escrita emancipatória de Geni Guimarães e Conceição Evaristo, junto a outras autoras, consolida este movimento de escrita afrofeminina e inspira novas gerações a registrar suas lutas. Talvez não mais contra a fome ou por moradia digna, ou pelo direito de ser mulher e mãe, mas "pelo direito à educação, a uma profissão, pelo direito a não mais lavar pratos", como denunciou Cristiane Sobral em seu poema "Não vou mais lavar os pratos" (Sobral, 2011, p. 12). Sobral se destaca como representante dessa nova geração de escritoras negras femininas ou literatura afrofeminina, um movimento que se organiza e busca estabilidade no novo cenário da literatura nacional. Esse cenário, anteriormente desestabilizado, está aos poucos se transformando devido às novas tendências literárias no Brasil.

Antes do reconhecimento da existência de uma literatura feminina ou negra no Brasil, em 1859, foi publicada uma obra de autoria negro-feminina, "Úrsula", de Maria Firmina dos Reis. A maranhense, que publicou sob pseudônimo e ficou esquecida até o final do século XX, foi homenageada por suas "sucessoras" em uma noite histórica durante a abertura do XIV Seminário Nacional e V Seminário Internacional Mulher e Literatura em 2011, na Universidade de Brasília, que decidiu homenagear escritoras afro-brasileiras. Em 4 de agosto de 2011, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro, Mirian Alves, Ana Maria Gonçalves e Cristiane Sobral subiram ao palco do Teatro Nacional e espalharam palavras, poesias, emoções e incômodos para uma plateia de aproximadamente mil pessoas, que as aplaudiram de pé no final do evento, junto com essas sete mulheres, estavam no centro das atenções outras mães, Carolinas, estudantes, avós, meninas, professoras, escritoras, cozinheiras, irmãs, filhas, artistas, leitoras. Estavam em destaque na memória dessas mulheres. Estavam longe, na plateia, no morro, na África, em casa, nas ruas, em todo lugar. Mulheres que rejeitam o legado das Jelus, Bertolezas, Ritas Bahianas, Negras Fulôs, Tietas, e outras mulheres negras, ou, como disse Eduardo de Assis Duarte, "mulheres marcadas" de nossa literatura.

Em um ponto crucial para a história da literatura afro-brasileira, Conceição Evaristo foi recentemente admitida na Academia de Letras. Sua inclusão na academia não apenas celebra suas conquistas individuais, mas também destaca a importância da diversidade e da pluralidade de vozes na construção do repertório literário brasileiro. Ao ocupar esse espaço, Conceição Evaristo não apenas consolida sua posição como uma das vozes mais importantes da literatura afro-brasileira contemporânea, mas também abre caminho para que outras escritoras negras e marginalizadas possam ter suas vozes reconhecidas e valorizadas. Sua

presença na academia não apenas celebra suas conquistas individuais, mas também destaca a importância da diversidade e da pluralidade de vozes na construção do repertório literário brasileiro.

## 2.2 Literatura Afrofeminina: Um lugar de memória

Pierre Nora, historiador francês, elaborou no fim dos anos 1970, um conceito conhecido como "sítio de memória", criado para descrever os locais que possuíam uma identidade ligada à memória, uma função, uma intenção de lembrança, como os museus, os arquivos, uma figura histórica, um acontecimento, um ritual, uma narrativa autobiográfica, entre outros. De acordo com as declarações do autor.

Não são lugares, de fato nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre." (NORA, 1993, p. 21-22).

Nora argumenta que a criação de lugares de memória é necessária devido à ausência de meios de memória na sociedade contemporânea, que valoriza o esquecimento devido à influência da mídia, da massificação e da velocidade das notícias. Enquanto a História é seletiva e oficial, a Memória é contínua e dinâmica, sempre em evolução, aberta ao diálogo entre lembrança e esquecimento, e representa um elo vital com o presente.

Os lugares de memória significam, antes de tudo, resistência a esse "rolo compressor" que quer destruir a memória e surgem da consciência de que.

(...) não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria." (NORA, 1993, p. 13).

A Literatura afro-brasileira emerge como um espaço de memória ao confrontar a narrativa oficial da História e ao resgatar as histórias negras previamente obscurecidas. Essa busca pela memória é justificada tanto pela tentativa histórica de apagar a identidade africana, por meio de eventos como a escravidão e a imposição cultural, quanto pela resistência contínua do povo negro, expressa por suas tradições culturais e, mais tarde, pela Literatura.

Atualmente, diante da falta dos tradicionais griots, os antigos guardiões da história e cultura oral africana, e com o surgimento da escrita entre os afrodescendentes, a literatura afro-brasileira assume o papel de guardião da memória negra. Os griots eram mais que meros contadores de histórias; eram historiadores, poetas e músicos responsáveis por preservar e transmitir os conhecimentos e tradições das comunidades de geração em geração. Com a ausência dessas figuras fundamentais, a literatura afro-brasileira não apenas preserva essa memória, mas também a transmite às novas gerações, funcionando como um elo vital entre passado e presente. Dentro desse contexto, a literatura afrofeminina se destaca como uma expressão particularmente significativa desse compromisso com a memória. Além de resgatar e personificar as lembranças marginalizadas pela História oficial, ela constrói pontes entre diferentes épocas, questionando o presente e explorando o futuro. Assim, a literatura afrofeminina se revela como uma poderosa ferramenta de resistência contra o registro oficial, conectando passado e presente e revelando a complexidade da memória social, histórica e cultural de uma diáspora.

A escrita de Conceição Evaristo e Geni Guimarães oferece um valioso material para um estudo sobre a memória afro-brasileira, revelando o cotidiano da população negra no período pós-escravidão, durante os primeiros anos da república. Por meio de poemas, autobiografias e diários, elas nos transportam para o Brasil desde o início do século XX até os anos 1960. Suas obras nos apresentam a realidade brasileira a partir da segunda metade do século XX, destacando as favelas e as comunidades como principais moradias para os negros, tanto na cidade quanto no campo. O relato dessas escritoras nos oferece uma visão privilegiada da memória histórica, social e cultural afro-brasileira, uma memória frequentemente negligenciada nos registros oficiais.

Geni Guimarães e Conceição Evaristo retratam essas memórias da escravidão em suas escritas, por meio dos griots que marcaram suas infâncias e as das suas personagens, como evidenciado em *Leite do peito* (2001) com a presença de Nhá Rosália e em *Becos da Memória* (2006) com a figura de Bondade e outros habitantes da favela que compartilhavam suas narrativas com Maria-Nova, como Maria-Velha, Tio Totó e Tio Tatão.

Diversos trechos dessas obras corroboram essa observação.

Foi assim que naquele dia, quando Vó Rosália se sentiu quase empurrada pela garotada, minha mãe apressou meu penteado para nos juntarmos aos outros para podermos ouvi-la melhor. Chegamos quando ela dizia: – ... e só com um risco que fez no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. Uns saíram dançando e cantando. Outros, aleijados por algum sinhô que não foi obedecido, só cantavam.

Também bebida teve a rodo, para quem gostasse e quisesse." (GUIMARÃES, 2001, p. 46-47).

E igualmente:

Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver eu tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis, em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito." (EVARISTO, 2006, p. 62).

Além das narrativas sobre a escravidão, nos relatos de Conceição Evaristo encontramos também informações sobre o envolvimento dos negros na guerra do Paraguai (1864-1870).

Tio Tatão ainda contava a história de outra batalha. Aquela em que muitos escravos se envolveram. Foram com a promessa de que, ao retornarem, seriam libertados. Lutaram com a esperança de conquistarem a liberdade. Muitos negros perderam a vida naquela época e os que sobreviveram perceberam que alcançar a liberdade exigia não apenas a guerra em que haviam lutado, mas também uma luta muito pessoal, a batalha deles contra a escravidão. (EVARISTO, 2006, p.56).

O silenciamento e a resistência nas identidades femininas negras destacam a importância da literatura afrofeminina como um espaço de memória e empoderamento. Ao longo dos séculos, as mulheres negras foram subjugadas e silenciadas, relegadas aos espaços domésticos e marginalizadas pela sociedade. No entanto, através da escrita, elas encontraram uma maneira de reivindicar suas vozes e narrar suas próprias histórias. Conceição Evaristo e Geni Guimarães emergiram como figuras proeminentes na literatura afro-brasileira, desafiando estereótipos e recontando a história do Brasil a partir de uma perspectiva negra e feminina. Suas obras oferecem uma visão privilegiada da experiência negra no país, desde os dias da escravidão até os tempos contemporâneos.

Ao destacar a importância da memória e da resistência cultural, a literatura afrofeminina serve como um lugar de encontro entre passado e presente, construindo pontes entre diferentes gerações e problematizando as narrativas dominantes da história oficial. Além disso, ao ocupar espaços como a Academia de Letras, figuras como Conceição Evaristo desafiam as estruturas tradicionais e abrem caminho para que outras vozes marginalizadas sejam ouvidas e valorizadas. Portanto, ao reconhecer e celebrar a contribuição da literatura afrofeminina para a construção de uma memória coletiva e uma identidade cultural, estamos não apenas honrando o legado das mulheres negras escritoras, mas também reconhecendo a importância da diversidade e da pluralidade de vozes na nossa sociedade. Através da escrita, as mulheres negras continuam a resistir, a se empoderar e a reivindicar seu lugar na história do Brasil.

### 2.3 Memória e Oralidade na Literatura Afrofeminina

A memória, conforme descrita por Pierre Nora em seu estudo "Entre Memória e História: A problemática dos lugares" (1984), é fundamental para a identidade coletiva. Nora propõe que os "lugares de memória surgem como resposta à erosão da memória causada pelo avanço da modernidade e pela influência das mídias massivas. Esses lugares, sejam eles físicos ou simbólicos, servem para "manter vivas as lembranças e histórias que compõem a identidade de um grupo" (NORA, 1984, p. 12-14). Na literatura afrofeminina, os textos tornam-se "marcos de lembrança", onde as narrativas escritas perpetuam a tradição da oralidade, centrada nas tradições africanas e afrodescendentes (NORA, 1984, p. 18).

A oralidade é, historicamente, o principal meio de transmissão de conhecimento e cultura nas comunidades africanas e da diáspora africana. Simas e Di Siena (2020) destacam como a oralidade nas tradições afro-brasileiras é essencial para a perpetuação das histórias, mitos e saberes ancestrais. Eles argumentam que a oralidade não é apenas um método de comunicação, mas um ato de resistência cultural que mantém viva a identidade e a herança africana contra os esforços de apagamento histórico. É crucial compreender que os "lugares de memória" não apenas preservam, mas também ativam as memórias coletivas em momentos de crise ou transformação social. Esses lugares atuam como baluartes contra a amnésia cultural, assegurando que as narrativas suprimidas pela historiografia dominante encontrem meios de se manifestar. A literatura negra feminina, ao adotar e adaptar a tradição oral, desempenha um papel similar ao dos griots africanos, tornando-se guardiã e transmissora da memória coletiva.

No contexto afro-brasileiro, a oralidade não é simplesmente uma forma de comunicação, mas uma prática cultural que carrega em si a resistência ao colonialismo e à opressão. Simas e Di Siena elucidam que a oralidade serve para preservar os conhecimentos ancestrais, formando uma pedagogia própria que desafia as narrativas hegemônicas e fortalece a identidade afro-brasileira. Assim, a literatura afrofeminina não só preserva a memória coletiva, mas também desafia e reconfigura o espaço literário e histórico, permitindo que as vozes marginalizadas contem suas próprias histórias e perpetuem suas culturas de forma autônoma e significativa.

Conceição Evaristo e Geni Guimarães, em suas obras, exemplificam como a literatura afrofeminina se posiciona como herdeira da tradição oral. Elas conseguem capturar e perpetuar as histórias da comunidade negra, imortalizando-as em forma escrita. Em "Becos da Memória" (2006), Evaristo narra a vida nas favelas, onde a troca de histórias e memórias orais é fundamental para a coesão e a identidade comunitária. Do mesmo modo, em "Leite do

Peito" (2001), Guimarães representa Nhá Rosália como uma griot moderna, que perpetua a memória dos tempos da escravidão e a luta pela liberdade através de suas narrativas. Bosi (1994) explora como a memória oral é vital para a preservação da história e da identidade cultural, especialmente entre grupos marginalizados. Ela argumenta que a narrativa oral possui uma profundidade e uma humanidade que muitas vezes se perdem na história escrita oficial. A literatura afrofeminina, ao integrar a oralidade em suas narrativas, procura preservar essa riqueza e transformar a memória em uma ferramenta viva e dinâmica.

A literatura afrofeminina não só preserva memórias, mas também atua como um instrumento de ativismo cultural. Grada Kilomba (2019) ressalta como a escrita das mulheres negras se torna uma forma de empoderamento e resistência, proporcionando um espaço para que suas vozes sejam ouvidas e suas histórias, contadas. Em "Becos da Memória", Conceição Evaristo utiliza a narrativa para questionar o presente e ressignificar o passado, criando uma ponte entre gerações que desafia os estereótipos e valoriza a memória coletiva da comunidade negra. O mesmo pode ser observado em Geni Guimarães, que em "Leite do Peito", através da figura de Nhá Rosália, resgata e celebra a tradição oral, imortalizando as histórias de luta e resistência.

Ao final, é evidente que a literatura afrofeminina se afirma como um lugar de memória essencial, onde a oralidade e a escrita se entrelaçam para manter viva a história e a cultura do povo negro. Através de suas narrativas, Conceição Evaristo e Geni Guimarães não apenas preservam memórias da escravidão e da resistência, mas também questionam as narrativas hegemônicas e criam espaços para que as vozes negras sejam ouvidas e valorizadas. Como aponta Stuart Hall (1992), a memória e a identidade são processos dinâmicos que se constroem continuamente. A literatura afrofeminina transcende a simples preservação da memória; ela a transforma em um ato constante de resistência e empoderamento. Ao celebrar e preservar a oralidade e a narrativa, essas obras não apenas honram o passado, mas também iluminam caminhos para um futuro onde a diversidade de vozes e experiências é reconhecida e valorizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre as obras de Conceição Evaristo ("Becos da Memória", 2006; "Ponciá Vicêncio", 2017) e Geni Guimarães ("A Cor da Ternura", 1998; "Leite do Peito", 1988) destacou a crucial contribuição da literatura afro-brasileira para a preservação e valorização das memórias ancestrais e da identidade cultural negra no Brasil. Este estudo alcançou seus objetivos ao explorar como essas autoras utilizam a memória e a oralidade para representar a experiência afro-brasileira e desafiar o silenciamento histórico das vozes femininas negras. A literatura afro-brasileira, especialmente a escrita por mulheres negras como Evaristo e Guimarães, oferece uma rica coleção de histórias que conectam o passado ao presente, preservando memórias e tradições culturais ancestrais. Essas autoras utilizam suas narrativas como ferramentas de resistência e empoderamento, desafiando as estruturas sociais e culturais que historicamente marginalizaram as vozes negras.

No primeiro capítulo, "Representações das Memórias Ancestrais Afro-Brasileiras na Literatura de Mulheres Negras", analisamos como Evaristo e Guimarães resgatam as memórias de seus antepassados através da tradição oral. Jacques Le Goff, em "História e Memória" (1988), ressalta que "a memória é um componente essencial na construção da história" (Le Goff, 1988, p. 15). As obras de Guimarães e Evaristo exemplificam como a literatura pode servir como um canal para a resistência cultural, reivindicando espaço para as narrativas negras em um contexto histórico que frequentemente marginalizou essas vozes. A tradição oral, conforme demonstrado por Vansina (1982) e Hampâté Bâ (1981), é um veículo crucial para a preservação da sabedoria ancestral. Evaristo e Guimarães utilizam essa tradição para manter vivas as histórias e os conhecimentos de seus antepassados.

No segundo capítulo, "Silenciamento e Resistência nas Identidades Femininas Negras", abordamos o tema do silenciamento histórico das vozes femininas negras na literatura e as estratégias de resistência e empoderamento presentes nas obras das autoras estudadas. Michel Pollak, em "Memória, Esquecimento, Silêncio" (1989), sublinha a importância da memória como um campo de disputa e resistência. As narrativas de Evaristo e Guimarães mostram como a literatura pode ser uma forma de luta contra a opressão, oferecendo às mulheres negras um espaço para contar suas próprias histórias e afirmar suas identidades. A análise revelou que essas escritoras não apenas desafiam estereótipos e representações negativas, mas também oferecem uma visão mais rica e complexa das experiências vividas pelas mulheres negras no Brasil.

Este estudo reforça a importância da literatura afro-brasileira, especialmente a produzida por mulheres negras, na construção de uma identidade nacional mais inclusiva e diversificada. As vozes de Conceição Evaristo e Geni Guimarães desafiam o status quo e reivindicam seu lugar na narrativa histórica, enriquecendo o panorama literário brasileiro e proporcionando uma reflexão profunda sobre identidade, memória e resistência. Pierre Nora, em "Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares" (1984), argumenta que a criação de "lugares de memória" é essencial para preservar a identidade cultural em face da modernidade e da influência da mídia. A literatura afrofeminina, ao integrar a oralidade em suas narrativas, atua como um "lugar de memória" que preserva e transmite as tradições culturais e históricas das comunidades afro-brasileiras. Ecléa Bosi, em "Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos" (1994), destaca que "a narrativa oral possui uma profundidade e uma humanidade que muitas vezes se perdem na história escrita oficial". As obras de Evaristo e Guimarães preservam essa riqueza, transformando a memória em uma ferramenta viva e dinâmica.

A literatura afrofeminina vai além da simples preservação da memória; ela a transforma em um ato contínuo de resistência e empoderamento. Através de suas narrativas, Conceição Evaristo e Geni Guimarães não apenas preservam memórias da escravidão e da resistência, mas também questionam as narrativas hegemônicas e criam espaços para que as vozes negras sejam ouvidas e valorizadas. Stuart Hall, em "A Identidade Cultural na Pós-modernidade" (1992), afirma que a memória e a identidade são processos dinâmicos que se constroem continuamente. A literatura de mulheres negras celebra e preserva a oralidade e a narrativa, honrando o passado e iluminando caminhos para um futuro onde a diversidade de vozes e experiências é reconhecida e valorizada.

Reconhecer a importância dessas obras é fundamental para refletirmos sobre como preservar essa memória e promover ações que assegurem sua continuidade e valorização. Jacques Le Goff destaca que "a memória é a matéria-prima da história, uma forma de resistência contra o esquecimento". Devemos adotar atitudes que reforcem essa resistência, como incentivar a produção e disseminação da literatura afro-brasileira, especialmente a escrita por mulheres negras. Políticas públicas de incentivo à leitura, como bibliotecas comunitárias e programas de literatura nas escolas, são essenciais para garantir que essas vozes sejam ouvidas e valorizadas. A inclusão dessas obras nos currículos escolares é crucial para que as novas gerações conheçam e reconheçam a importância da cultura afro-brasileira. Paul Ricoeur, em "A Memória, a História, o Esquecimento" (2004), diz que "a memória é um exercício de cidadania, uma obrigação de justiça em relação às gerações passadas e futuras".

A academia e as instituições culturais têm um papel crucial na preservação e promoção dessas memórias. A pesquisa e o estudo das obras de autoras como Evaristo e Guimarães devem ser incentivados, ampliando o conhecimento sobre a literatura afro-brasileira e suas contribuições. A organização de seminários, conferências e eventos literários focados na literatura afro-brasileira pode promover um diálogo contínuo sobre a riqueza e complexidade da experiência negra no Brasil. Apoiar iniciativas de preservação da oralidade, como projetos de história oral e atividades de contação de histórias em comunidades afrodescendentes, é fundamental para a preservação da memória cultural e histórica das comunidades afro-brasileiras. Ecléa Bosi destaca que "a oralidade é uma forma de manter viva a memória coletiva, de transmitir conhecimentos e valores de geração em geração". Valorizar essas iniciativas é crucial para a preservação da identidade cultural.

A literatura afrofeminina não apenas preserva memórias, mas também atua como um instrumento de ativismo cultural. Escritoras afrofemininas utilizam suas obras para questionar e subverter as narrativas dominantes da história oficial brasileira, oferecendo uma perspectiva que celebra a resistência e a resiliência do povo negro. Grada Kilomba, em "Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano" (2019), ressalta como a escrita das mulheres negras se torna uma forma de empoderamento e resistência, proporcionando um espaço para que suas vozes sejam ouvidas e suas histórias, contadas. Em "Becos da Memória", Conceição Evaristo utiliza a narrativa para questionar o presente e ressignificar o passado, criando uma ponte entre gerações que desafia os estereótipos e valoriza a memória coletiva da comunidade negra. Geni Guimarães, em "Leite do Peito", através da figura de Nhá Rosália, resgata e celebra a tradição oral, imortalizando as histórias de luta e resistência.

A literatura afrofeminina afirma-se como um espaço vital de memória, onde a oralidade e a escrita se entrelaçam para perpetuar a história e a cultura do povo negro. Stuart Hall, em "A Identidade Cultural na Pós-modernidade" (1992), destaca que a memória e a identidade são processos dinâmicos que se constroem continuamente. A literatura afrofeminina vai além da simples preservação da memória; ela a transforma em um ato contínuo de resistência e empoderamento. Ao celebrar e preservar a oralidade e a narrativa, essas obras não apenas honram o passado, mas também iluminam caminhos para um futuro onde a diversidade de vozes e experiências é plenamente reconhecida e valorizada.

Portanto, a pesquisa realizada contribuiu significativamente para a compreensão da importância da memória e da oralidade na literatura afro-brasileira, destacando a necessidade de continuar a valorizar e promover essas vozes marginalizadas. Ao dar visibilidade às experiências e perspectivas das mulheres negras, Evaristo e Guimarães não apenas ampliam o

cânone literário brasileiro, mas também oferecem um poderoso meio de resistência cultural e social. Através de suas obras, elas continuam a resistir, empoderar e reivindicar seu lugar na história do Brasil, celebrando a resiliência e a força das mulheres negras. Honrar seu legado é essencial para promover um diálogo contínuo sobre a riqueza e complexidade da experiência humana e para assegurar que a diversidade de vozes na nossa sociedade seja ouvida e valorizada.

**FONTE**

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. São Paulo: Editora FTD, 1989. 12. ed. 1998.

GUIMARÃES, Geni. **Leite do peito**. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1988; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001. (Reedição revista e ampliada).

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Carlos. Oríkis. In: BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (org.). **Cadernos Negros Três Décadas: Ensaios, poemas, contos**. São Paulo: Quilombhoje Literatura; Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial/Governo Federal, 2008. p. 294.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Erika Rodrigues. Revisão de Belucio Haibara. Nova York: TED, 2009.
- ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. São Paulo: Edusp, 1985.
- ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1985.
- ARAÚJO, Ana Cristina. **História e Memória: Os Historiadores e a Invenção do Passado**. São Paulo: Ática, 2004.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Modernidade e Tradição: A Casa Paulista no Século XIX**. São Paulo: Edusp, 2007.
- ALMEIDA, Pereira Nizan. **A construção da invisibilidade e da exclusão da população negra nas práticas e políticas educacionais no Brasil**. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC -PR). Curitiba. 2014.
- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Revista Sociedade e Estado**, v. 15, n. 2, jun./dez. 2000.
- AUGEL, Moema Parente. Geni Mariano Guimarães. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 2.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BARBOSA, Márcio. **O Papel dos Escritores Negros na Literatura Brasileira**. In: **Cadernos Negros: 30 Anos**. São Paulo: Quilombhoje, 2008. p. 45.
- BARROS, Alfredo. **O impacto do colonialismo na subjetividade negra**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2019.
- BARROS, José D' Assunção. **História Cultural – um panorama teórico e historiográfico**.

2003, vol 11 – no 1 e 2. Disponível em

[https://www.researchgate.net/profile/JoseBarros28/publication/277241420\\_Historia\\_Cultural\\_um\\_panorama\\_teorico\\_e\\_historiografico/links/5a0674474585157013a3c33c/Historia-Cultural-um-panorama-teorico-ehistoriografico.pdf](https://www.researchgate.net/profile/JoseBarros28/publication/277241420_Historia_Cultural_um_panorama_teorico_e_historiografico/links/5a0674474585157013a3c33c/Historia-Cultural-um-panorama-teorico-ehistoriografico.pdf) . Acesso em: 19 out. 2023.

BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

BARROS, José D'Assunção. Memória e história: uma discussão conceitual. **Tempos Históricos**. volume 15, p. 317-343, 1º semestre de 2011. ISSN: 1517-4689.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História Vol. I**. Princípios e conceitos. Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 3a Ed., 2013, 319 p.

BARROS, José D'Assunção. **Conceitos: Seus usos nas ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

BARROS, Júlio César. **Colonialismo e Identidade Cultural: Desafios do Século XXI**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. v. 1: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura – obras escolhidas**, volume I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Ministério da Educação; Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília, DF: MEC, 2005.

CARVALHO, Cristiane P. de. **A construção da identidade feminina em Veja**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 135 P. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3516>. Acesso em: 15 out. 2023.

COELHO, Nelly N. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua e Literatura**. [São Paulo]. V.16, n. 19, p. 91-101, 1991. ISSN: 2594-5963. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/116009>. Acesso em: 14 nov. 2023.

CUTI. Luis da Silva, **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

CUTI. **Palestra na Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 23.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**, um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÉ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (orgs.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. 1. ed. Porto Alegre: ZOUK, 2015.

DIOP, Boubacar Boris. **Murambi, o Livro das Ossadas**. Lisboa: Caminho, 2000.

DUARTE, Constância L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**: São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, set./dez. 2003, ISSN 1806-9592. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 12 nov. 2023.

DUARTE, Constância Lima. **A escrevivência como forma de resistência**. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Escritas de resistência: a literatura negra feminina no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010, p. 231.

DUARTE, Eduardo Assis. Apresentação. In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Florianópolis, SC: **Editora Mulheres**; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALEUFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: Literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras: **Revista de Estudos Literários**; Londrina, PR, v.17-A, dez. 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**; Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, jun. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017. p. 209-236.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: História e memória. **Revista Releitura** Belo Horizonte, n. 23, p. 1-17, nov. 2008.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 201-212.

- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. Dez/2009.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da Recordação e outros Movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Globo, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio: século XXI. Versão Eletrônica**, São Paulo: Nova Fronteira, versão 3.0, 1999.
- FONSECA, Jocélia. Enegre-essência. Apud BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.). **Cadernos Negros, volume 39: poemas afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1924.
- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- GOMES, N.L. (2003). Cabelo e cor de pele: uma dupla inseparável. In: **Multiculturalismo e Pedagogia Multirracial. Série: Pensamento Negro em educação**. Florianópolis: Editora Atilênde. Vol. 8 (pp. 95-113).
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GUIMARÃES, Geni. **Da Flor o Afeto, da Pedra o Protesto**. São Paulo: Editora Global, 1981.
- HAMPÂTÉ BÂ. “A tradição viva”. apud: KI-ZERBO, J. (Org.) **História geral da África**. Tradução de Beatriz Turquetti et al. Paris: UNESCO; São Paulo: Ática, 1982. p. 181-218.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARA, Camila de Brito Quadros. **A importância da memória para a construção de identidade**: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS. XIII Encontro Regional de História/ANPUH, 2016. Disponível em [http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477593926\\_ARQUIVO\\_A\\_IMPORTANCIADAMEMORIAPARAACONSTRUCAODAIIDENTIDADE.pdf](http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477593926_ARQUIVO_A_IMPORTANCIADAMEMORIAPARAACONSTRUCAODAIIDENTIDADE.pdf). Acesso em: 6 nov. 2023.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2. ed. 1996.

LITERAFRO. Ana Maria Gonçalves. **Dados biográficos**. Literafro, 19 fev. 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/443-ana-maria-goncalves> Acesso em: 12 mar. 2023.

LIMA, Maria José de. **Mulheres Negras: narrativas de resistência e identidade**. São Paulo: Selo Negro, 2010. p. 222.

MACHADO, Bárbara Araújo. **Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo. História oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.

MEDEIROS, Pedro Araújo. **PÓS-MODERNIDADE E HISTORIOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE HAYDEN WHITE**. Dissertação (Mestrado em Ciência e Cultura na História) - Universidade Federal De Minas Gerais Belo Horizonte. Belo Horizonte/MG, p.163, 2006.

MENDES, Algemira Macedo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira**: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. **Saberes Ancestrais e Tradição Oral**. São Paulo: Editora Humanitas, 2006.

NATÁLIA, Livia. **Água Negra. Salvador**: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. In: Projeto História, São Paulo: Editora da PUC-SP, 1993.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto juvenis brasileiras: 1979- 1989**. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento da UNEB, Salvador, 2003.

ONG, Walter J. **Oralidade e Escrita: A Tecnologização da Palavra**. Tradução de Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: Loyola, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 3-15, 1992.

PEREIRA, I. Contos, depoimentos e memórias de escritoras negras brasileiras e moçambicanas. **Revista Crioula**, v. 1, n. 22, p. 14-38, 2018. ISSN: 1981-7169. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7196.crioula.2018.15325>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/153258>. Acesso em: 11 nov. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A narrativa africana de expressão oral**: transcrita em português. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Luanda: Angolê, 1989.

ROSEMBERG, Fulvia e SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In. DIJK, T. A. Van (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 73-117.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

RUFINO, Alzira. **Fundação da Casa de Cultura da Mulher Negra**. 2. ed. Santos: Casa de Cultura da Mulher Negra, 1995.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. **A memória coletiva**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. ACERCA DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO. **Revista de Teoria da História**, Universidade Federal de Goiás, Ano 3, Número 6, p.27-53, dez/2011. ISSN: 2175-5892.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Thesaurus Editora, 2011.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. **Historiadores e acervos**: uma relação de “fato”, mas não de “direito”. Pelotas: ASPHE, FaE, UFPel, 2003.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. – São Paulo: Contexto, 2.ed., 2a reimpressão, 2009.

SILVA, R. M. D. da. Memória Social E Individualização Na Trajetória De Atores Engajados Em Projetos De Educação Patrimonial. **Educação & Sociedade**. V. 38, N. 141, 1035 – 1050. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017174089>.

SIMAS, Luiz Antonio; DI SIENA, Domenico. **Pedagogia dos Orixás**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2020.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

SCHMIDT, Benito. **A literatura e as margens**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In. BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VANSINA, J. “A tradição oral e sua metodologia”. In: KI-ZERBO, J. (Org.) **História geral da África**. Tradução de Beatriz Turquetti et al. Paris: UNESCO; São Paulo: Ática. 1982.

VANSINA, Jan. **Tradição Oral como História**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

ZEBROWITZ, L. (1996). Physical appearance as a basis of stereotyping. In: Macrae, C.N; Stangor, C. & M. Hewstone (Orgs.). **Stereotypes and stereotyping** (pp. 79-120). New York: Guilford.

ZINANI, Cecil J. A. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2. Ed, 2013.

**ANEXOS****ANEXO A:**

Geni Guimarães em entrevista de lançamento da 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2020.



**Fonte:** Itaú Social/Lívia Wu **Disponível em:**

<https://www.itausocial.org.br/noticias/esta-tudo-contra-nos-mas-nos-estamos-a-favor/>

**ANEXO B:**

Geni Guimarães em registro de sua participação na 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2019.



**Fonte:**Itaú Social/Camilla Kinker **Disponível em:**  
<https://www.itausocial.org.br/noticias/esta-tudo-contra-nos-mas-nos-estamos-a-favo/>

**ANEXO C:**  
Geni Guimarães em registro de sua participação na 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2019.



**Fonte:**Itaú Social/Camilla Kinker **Disponível em:**  
<https://www.itausocial.org.br/noticias/esta-tudo-contra-nos-mas-nos-estamos-a-favo/>

**ANEXO D:**  
Geni no lançamento de Terceiro Filho, sua primeira publicação, em 1979.



**Disponível em:**

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/especial-geni-guimarae/>

### ANEXO E:

Algumas obras literárias de Geni Guimarães.



**Disponível em:**

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/especial-geni-guimarae/>

### ANEXO F:

Conceição Evaristo em ensaio fotográfico, em 2017.



**Fonte:** foto Isabela Kassow **Disponível em:**

<https://acriatura.com.br/entrevista-conceicao-evaristo-escritora/>

**ANEXO G:**  
Conceição Evaristo em ensaio fotográfico, em 2017.



**Fonte:** foto Isabela Kassow **Disponível em:**  
<https://acriatura.com.br/entrevista-conceicao-evaristo-escritora/>

**ANEXO H:**  
Fotografia de Conceição Evaristo, em 1994.



**Fonte:** Publicado em 17/04/2019 20h01 no Arquivo Nacional **Disponível em:**  
[https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canais\\_atendimento/imprensa/noticias/serie-mulher-es-e-o-arquivo-conceicao-evaristo](https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canais_atendimento/imprensa/noticias/serie-mulher-es-e-o-arquivo-conceicao-evaristo)